



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA

**GIRASSÓIS: PROJETO PILOTO DE APLICATIVO COLABORATIVO DE
COMBATE À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER**

GABRIELA MIDORI ARAKAKI OKINO

ORIENTADOR: WAGNER ANTONIO RIZZO

BRASÍLIA – DF
JUNHO, 2018

GABRIELA MIDORI ARAKAKI OKINO

**GIRASSÓIS: PROJETO PILOTO DE APLICATIVO COLABORATIVO DE
COMBATE À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER**

Memória de pesquisa apresentada ao Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Faculdade de Comunicação (FAC), Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda.

Orientador: Wagner Antônio Rizzo

BRASÍLIA - DF

JUNHO, 2018

FICHA CATALOGRÁFICA

Okino, Gabriela Midori Arakaki

Girassóis: Projeto piloto de aplicativo de combate à violência
contra a mulher

Brasília – DF, 2018. 85 Páginas.

Projeto final apresentado à Universidade de Brasília, para a
obtenção do grau de Bacharel em Publicidade e Propaganda.

RESUMO

A violência contra a mulher é uma realidade em nível mundial com vários obstáculos de enfrentamento e apresenta número elevados no Brasil. O objetivo desse trabalho, em um primeiro momento, foi entender e criar um panorama dessa violência e em seguida apresentar uma proposta de aplicativo colaborativo de combate à essa realidade. A metodologia utilizada foi fazer uma pesquisa via Internet com as mulheres acima de 18 anos da região do Distrito Federal e uma avaliação prévia das funcionalidades escolhidas para o aplicativo. Houveram várias observações que foram ponderadas e arrumadas para a segunda versão. Durante a elaboração do projeto foi encontrado um obstáculo financeiro que seria como manter o aplicativo na App Store e Google Play e a falta de costume do brasileiro de pagar por aplicativos. Dessa forma, conclui-se que mesmo que a princípio as respondentes da pesquisa se mostraram dispostas a usar ainda é cedo para ter certeza de que o aplicativo encontraria um terreno fértil para progredir.

Palavras-chave: Aplicativo; Segurança; Mulher; Violência; Comunicação.

ABSTRACT

Violence against women is a world-wide reality with several obstacles to confrontation and presents high numbers in Brazil. The purpose of this work, initially, was to understand and create a panorama of this violence and then present a proposal of a collaborative app to combat this reality. The methodology used was to do an Internet survey with women over 18 years old in Distrito Federal (Brazil) and a previous evaluation of the functionalities chosen for the app. There were several observations that were weighed and arranged for the second version. During the preparation of the project there was found a financial obstacle that would be how to keep the application in the App Store and Google Play and the lack of habit of Brazilian people to pay for applications. Thus, it is concluded that even though the research respondents were initially willing to use it, it is still early to make sure that the app would find a fertile ground to progress.

Key words: App; Security; Woman; Violence; Communication.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Wagner Rizzo, pelo seu tempo, paciência, feedbacks e principalmente por me acalmar e ajudar a enxergar com mais clareza nas horas do desespero.

Agradeço ao Álvaro Veiga que me ajudou com seu conhecimento em Ciência da Computação e por disponibilizar seu tempo para criar um programa para arrumar os dados brutos da pesquisa.

Agradeço à minha família por me manter focada e ter me apoiado em diversos momentos.

Agradeço aos amigos, às conversas, saídas e a ajuda na divulgação do questionário, eu não teria chego até aqui sem esse suporte.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1 – Segurança física da mulher dimensionado em 2014.....	13
Print 1 – O que é violência física contra a mulher?	14
Print 2 – O que é violência psicológica contra a mulher?	14
Print 3 – O que é violência sexual contra a mulher?	15
Print 4 – O que é violência patrimonial contra a mulher?	15
Print 5 – O que é violência moral contra a mulher?.....	15
Print 6 – Ciclo da violência contra a mulher	20
Print 7 – Captura resultado Google Forms.....	40
Print 8 – Dados tratados pelo programa.....	41
Print 9 – Atributos formato ARFF	42
Gráfico 1 – Dados de assédio contra a mulher em espaços públicos	17
Gráfico 2 – Número de pesquisas na internet em 2015 sobre temas feministas.....	26
Gráfico 3 – Percentual de pessoas que usam smartphones	27
Gráfico 4 – Percentual de pessoas que usam computadores	28
Gráfico 5 – Número médio de aplicativos usados por dia	28
Gráfico 6 – Média de minutos gasto por dia em aplicativos	29
Gráfico 7 – Idade das respondentes	43
Gráfico 8 – Escolaridade das respondentes.....	43
Gráfico 9 – Porcentagem de respondentes que já sofreram algum tipo de violência	44
Gráfico 10 – Onde as violências aconteceram?	44
Gráfico 11 – Respondentes que sofreram violência por outras mulheres	44
Gráfico 12 – Formas de violências que as respondentes mais sofreram por outras mulheres.....	45
Gráfico 13 – Respondentes que sofreram violência por parte de homens.....	45
Gráfico 14 – Formas de violência que as respondentes mais sofreram por parte de homens	45
Gráfico 15 – Como classificam a segurança da região onde moram	46
Gráfico 16 – Mulheres que mudaram suas rotinas por medo de sofrer violência.....	46
Gráfico 17 – Meios que elas usam para se proteger da violência	46
Gráfico 18 – Respondentes que usam aplicativos de segurança ou exclusivo para	

mulheres.....	47
Gráfico 19 – Motivos pelos quais elas não usam aplicativos desse tipo	47
Gráfico 20 – Respondentes que estariam dispostas a usar aplicativos desse tipo ...	47
Gráfico 21 – Uso dos sistemas operacionais em dispositivos móveis.....	53
Imagem 1 – Teste em diferentes tipografias para o nome do aplicativo e descrição na fonte Helvetica.....	62
Imagem 2 – Esboços do processo de criação do ícone do aplicativo Girassóis	63
Imagem 3 – Esboço do ícone aplicativo Girassóis	63
Imagem 4 – Versão final do ícone aplicativo Girassóis	63
Imagem 5 – Esboços primeira versão do aplicativo	66
Imagem 6 – Primeira versão tela de cadastro	69
Imagem 7 – Versão final tela de cadastro	70
Imagem 8 – Tela entrar	70
Imagem 9 – Tela de cadastro.....	71
Imagem 10 – Tela Ajuda	71
Imagem 11 – Tela Biblioteca.....	72
Imagem 12 – Tela Avaliação.....	72
Imagem 13 – Tela Configurações	73
Imagem 14 – Tela usuário.....	73

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	11
2.	PROBLEMA DE PESQUISA	13
3.	JUSTIFICATIVA	22
4.	OBJETIVOS	30
5.	REFERENCIAL TEÓRICO	31
5.1.	SOCIEDADE E A MANUTENÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER....	31
5.2.	DESIGN THINKING E USABILIDADE.....	34
6	METODOLOGIA.....	37
6.1	PESQUISA.....	37
6.2	WEKA.....	47
6.3	BRAINSTORMING	49
6.4	AVALIAÇÃO DOS APLICATIVOS SEMELHANTES EXISTENTES	50
7	PRODUTO.....	60
7.1	NOME E TIPOGRAFIA.....	61
7.2	ÍCONE PARA O APLICATIVO.....	62
7.3	PALETA DE COR.....	64
7.4	PRIMEIRA VERSÃO	64
7.5	SEGUNDA VERSÃO.....	67
7.5.1	Modificação Botão SOS e Função de GPS	67
7.5.2	Modificação dos Fóruns.....	68
7.5.3	Modificação das Indicações.....	68
7.5.4	Função Carona.....	69
7.5.5	Desenho das Telas.....	69
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
9	REFERÊNCIAS.....	77

APÊNDICE 1 – Caminho de resposta percorrido no questionário.....	81
APÊNDICE 2 – Modelo do questionário disponibilizado na internet.....	82
APÊNDICE 3 – Rascunhos da tela do aplicativo versões 1 e 2	86

1. INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher é um problema mundial e pode atingir qualquer uma, independente de raça, cor, religião e classe social. Ela apresenta várias formas: moral, psicológica, sexual, física ou patrimonial e é uma violação dos Direitos Humanos.

No Brasil, segundo a OMS (WAISELFISZ, 2015, p.27), ainda temos dados altíssimos de homicídio de mulheres se comparado a maioria dos outros países. Embora aqui hajam leis como a da Maria da Penha e a do Feminicídio, e canais de denúncia como a Delegacia da Mulher e o Ligue 180, ainda existem uma série de empecilhos tanto de caráter burocrático quanto questões emocionais, financeiras e até a falta de entendimento da mulher como vítima.

O reflexo dessa violência pode trazer problemas de saúde para a mulher, tanto físicos quanto mentais, como por exemplo: pensamentos suicidas, ansiedade e gravidez indesejada.

A violência contra a mulher é uma das bandeiras do movimento feminista e foi através dele e de suas lutas que houve a visibilidade dessas questões. Vários são os recortes dados por ele quando se aborda essa problemática, mas nesse trabalho optou-se por entendê-lo como um dos resultados da desigualdade de gênero.

Em uma sociedade patriarcal a desigualdade de gênero traz muita violência para aquelas que são marcadas como mulheres, mas essa construção é cultural e está em constante transformação através das interações entre os indivíduos e dessa forma pode ser modificada, mesmo que essa seja uma tarefa árdua e que ainda tenha muito o que percorrer.

Ao analisar outros meios, projetos e movimentos que também tem como objetivo o enfrentamento da violência contra a mulher, notou-se que a internet, por dar espaço de fala às pessoas e por ser um meio ao qual cada vez mais indivíduos tem acesso, contribuiu para dar visibilidade e propagar informações sobre essa causa.

Dessa forma, tentar encontrar uma maneira de juntar a informação com uma forma de mobilizar da sociedade em prol do combate à violência contra a mulher se mostrou o melhor caminho para percorrer nesse trabalho.

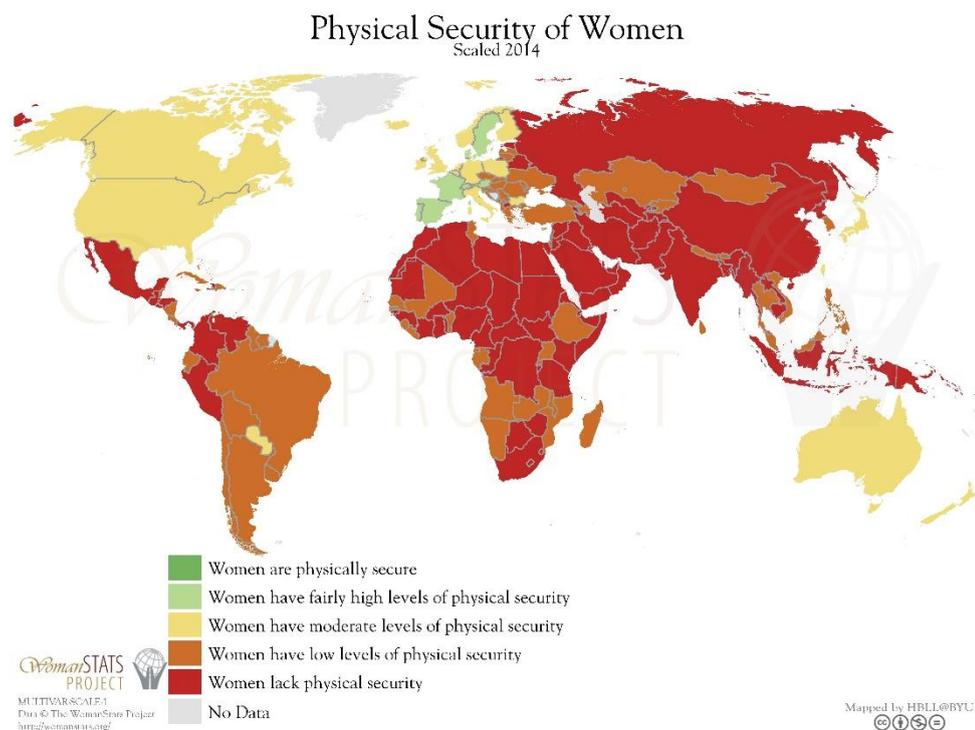
O formato escolhido foi um aplicativo, e mais especificamente um projeto piloto de aplicativo colaborativo de combate à violência contra a mulher ao perceber que não era um meio muito utilizado e que ele tinha as bases necessárias para progredir.

Para a parte de criação deste, desde a concepção da ideia, até a versão das telas apresentadas foram usados embasamentos do Design Thinking do Tim Brown (2017) e de usabilidade do Steve Krug (2014).

2. PROBLEMA DE PESQUISA

Quando falamos em violência, e mais especificamente sobre aquela que é exercida contra as mulheres, não estamos falando de algo recente e muito menos que se restringe a um determinado grupo de mulheres. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2017), conforme citado em um vídeo do Youtube no canal oficial da Superinteressante (2017, Março 8) “A violência contra a mulher é democrática. (...) ela ocorre em todos os grupos sociais, religiosos, culturais e econômicos. ”

Segundo um mapa da organização Woman Stats (2014), que analisa o nível de segurança física das mulheres ao redor do mundo, o Brasil está incluído na lista dos países que apresenta baixa proteção para elas. Outro estudo divulgado pelo Mapa da Violência (WAISELFISZ, 2015, p.27) com dados fornecidos pela Organização Mundial da Saúde revela que dos 83 países analisados, o Brasil ocupava a 5ª posição com 4,8 homicídios de mulheres a cada 100 mil habitantes, um indicador altíssimo se comparado com a maioria dos países pesquisados.



Mapa 1 – Segurança física da mulher dimensionado em 2014
 Fonte: WomanStats. Acessado dia 03/04/2018.

Mas a violência contra as mulheres não é só física e embora ao se falar sobre esse tema ele apareça muito ligado ao âmbito doméstico, também não é restrito a esse meio. A Convenção Interamericana para prevenir, punir, e erradicar a violência contra a mulher, “Convenção de Belém do Pará” adotada em 9 de julho de 1994, afirma como violência contra a mulher “qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada. ”. Além disso, “a violência contra a mulher constitui violação dos direitos humanos e liberdades fundamentais e limita total ou parcialmente a observância, gozo e exercício de tais direitos e liberdades; ”

O site do Instituto Maria da Penha, com o intuito de divulgar e alertar sobre as diferentes formas de violência, separou-as em cinco grupos. São elas:

1. Violência Física

- ESPANCAMENTO
- ATIRAR OBJETOS, SACUDIR E APERTAR OS BRAÇOS
- ESTRANGULAMENTO OU SUFOCAMENTO
- LESÕES COM OBJETOS CORTANTES OU PERFURANTES
- FERIMENTOS CAUSADOS POR QUEIMADURAS OU ARMAS DE FOGO
- TORTURA

ENTENDIDA COMO QUALQUER CONDOTA QUE OFENDA A INTEGRIDADE OU SAÚDE CORPORAL DA MULHER.

Print 1 – O que é violência física contra a mulher?
Fonte: Relógios da violência. Acessado dia 04/04/2018.

2. Violência Psicológica

- AMEAÇAS
- PERSEGUIÇÃO CONTUMAZ
- CONSTRANGIMENTO
- HUMILHAÇÃO
- MANIPULAÇÃO
- ISOLAMENTO (PROIBIR DE SAIR DE CASA, ESTUDAR E VIAJAR OU DE FALAR COM AMIGOS E PARENTES)
- VIGILÂNCIA CONSTANTE
- INSULTOS
- CHANTAGEM
- EXPLORAÇÃO
- LIMITAÇÃO DO DIREITO DE IR E VIR
- RIDICULARIZAÇÃO
- TIRAR A LIBERDADE DE CRENÇA

É CONSIDERADA QUALQUER CONDOTA QUE: CAUSE DANO EMOCIONAL E DIMINUIÇÃO DA AUTOESTIMA; PREJUDIQUE E PERTURBE O PLENO DESENVOLVIMENTO DA MULHER; OU VISE DEGRADAR OU CONTROLAR SUAS AÇÕES, COMPORTAMENTOS, CRENÇAS E DECISÕES.

Print 2 – O que é violência psicológica contra a mulher?
Fonte: Relógios da violência. Acessado dia 04/04/2018.

3. Violência Sexual

TRATA-SE DE QUALQUER CONDOTA QUE CONSTANJA A PRESENCIA, A MANTER OU A PARTICIPAR DE RELAÇÃO SEXUAL NÃO DESEJADA MEDIANTE INTIMIDAÇÃO, AMEAÇA, COAÇÃO OU USO DA FORÇA.

- ESTUPRO
- OBRIGAR A MULHER A FAZER ATOS SEXUAIS QUE CAUSAM DESCONFORTO OU REPULSA (FETICHES)
- IMPEDIR O USO DE MÉTODOS CONTRACEPTIVOS OU FORÇAR A MULHER A ABORTAR
- FORÇAR MATRIMÔNIO, GRAVIDEZ OU PROSTITUIÇÃO POR MEIO DE COAÇÃO, CHANTAGEM, SUBORNO OU MANIPULAÇÃO
- LIMITAR OU ANULAR O EXERCÍCIO DOS DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS DA MULHER

Print 3 – O que é violência sexual contra a mulher?

Fonte: Relógios da violência. Acessado dia 04/04/2018.

4. Violência Patrimonial

- FURTO, EXTORSÃO OU DANO
- CONTROLAR O DINHEIRO
- DEIXAR DE PAGAR PENSÃO ALIMENTÍCIA
- DESTRUIÇÃO DE DOCUMENTOS PESSOAIS
- ESTELIONATO
- PRIVAR DE BENS, VALORES OU RECURSOS ECONÔMICOS
- CAUSAR DANOS DE PROPÓSITO A OBJETOS DA MULHER OU DOS QUAIS ELA GOSTE

ENTENDIDA COMO QUALQUER CONDOTA QUE CONFIGURE RETENÇÃO, SUBTRAÇÃO, DESTRUIÇÃO PARCIAL OU TOTAL DE SEUS OBJETOS, INSTRUMENTOS DE TRABALHO, DOCUMENTOS PESSOAIS, BENS, VALORES E DIREITOS OU RECURSOS ECONÔMICOS, INCLUINDO OS DESTINADOS A SATISFAZER SUAS NECESSIDADES.

Print 4 – O que é violência patrimonial contra a mulher?

Fonte: Relógios da violência. Acessado dia 04/04/2018.

5. Violência Moral

É CONSIDERADA QUALQUER CONDOTA QUE CONFIGURE CALÚNIA, DIFAMAÇÃO OU INJÚRIA.

- TENTAR MANCHAR A REPUTAÇÃO DA MULHER
- EMITIR JUÍZOS MORAIS SOBRE A CONDOTA
- FAZER CRÍTICAS MENTIOSAS
- EXPOR A VIDA ÍNTIMA
- DISTORCER E OMITIR FATOS PARA DEIXAR A MULHER EM DÚVIDA SOBRE A SUA MEMÓRIA E SANIDADE
- REBAIXAR A MULHER POR MEIO DE XINGAMENTOS QUE INCIDEM SOBRE A SUA ÍNDOLE
- DESVALORIZAR A VÍTIMA PELO SEU MODO DE SE VESTIR

Print 5 – O que é violência moral contra a mulher?

Fonte: Relógios da violência. Acessado dia 04/04/2018.

O fato de que “violência contra a mulher” é a denominação genérica onde se convergem uma série de ações que vão desde ameaças até a morte, as quais são abrangidas pelos cinco grandes grupos citados, contribui para a vastidão desse tema, de modo que não foi encontrada até a data do presente trabalho nenhuma pesquisa quantitativa que conseguisse englobar, ao mesmo tempo, informações sobre todas as vertentes.

Porém pesquisas do Instituto Datafolha (2017) e da Yougov com relação ao assédio, e do Fórum Brasileiro de Segurança Pública em conjunto com a Datafolha (2016) sobre a vitimização de mulheres no Brasil trazem dados muito importantes e conseguem nos dar uma dimensão da situação.

A pesquisa presencial do Instituto Datafolha realizada nos dias 29/11/2017 a 30/11/2017 contou com a participação de 1427 brasileiras com 16 anos ou mais. Dessas, 42% afirmaram que haviam sofrido assédio sexual sendo os casos mais frequentes nas ruas e no transporte público, respectivamente 29% e 22%, seguidos de trabalho (15%), escola e faculdade (10%) e em casa (6%). A taxa de assédio nas ruas é maior entre as mais novas: 45% na faixa etária dos 16 aos 24 anos. Além disso, o problema foi mais percebido na região Centro-Oeste (50%), e por aquelas que detinham mais escolaridade.

Na pesquisa da YouGov divulgada pela ActionAid (2016), teve como foco os espaços públicos, foram entrevistadas 2.518 mulheres com 16 anos ou mais na Inglaterra, Tailândia, Índia e Brasil. No que tange ao nosso país, a amostra foi de 503 mulheres e 86% delas afirmaram que já sofreram assédio em público. Novamente a região Centro-Oeste é onde o assédio é mais percebido, com uma taxa de 92%.

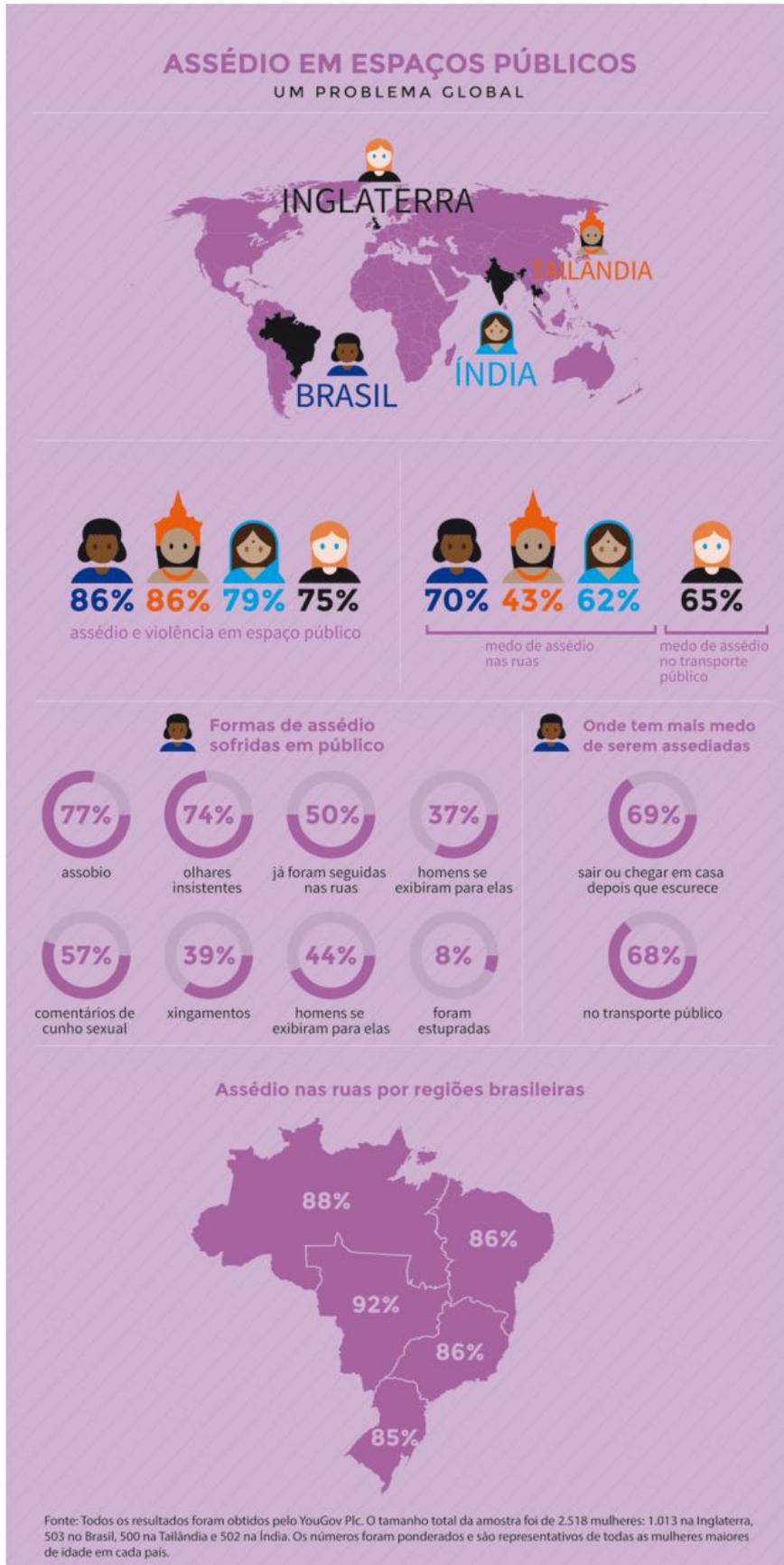


Gráfico 1 – Dados de assédio contra a mulher em espaços públicos
Fonte: ActionAid. Acessado dia 07/04/2018.

A pesquisa “Visível e Invisível: A vitimização de mulheres no Brasil” do Fórum Brasileiro de Segurança Pública em parceria com o Datafolha (2016) foi feita com 2073 pessoas, sendo 833 mulheres e faixa etária de 16 anos ou mais e mostra, por exemplo, que 76% das mulheres acham que a violência contra elas aumentou nos últimos 10 anos; 66% dos entrevistados afirmaram que viram uma mulher sendo agredida fisicamente ou verbalmente; em 61% das vezes o agressor era alguém conhecido; e só 11% das vítimas procuraram a delegacia da mulher.

Por fim, o site do Instituto Maria da Penha também disponibiliza um recurso chamado Relógios da violência que mostra em números a triste realidade da violência contra a mulher no Brasil:

- “A cada 2 segundos, uma mulher é vítima de agressão física ou verbal”.
- “A cada 2,6 segundos uma mulher é vítima de ofensa verbal”.
- “A cada 6,3 segundos uma mulher é vítima de ameaça de violência”.
- “A cada 6,9 segundos uma mulher é vítima de perseguição”.
- “A cada 7,2 segundos uma mulher é vítima de violência física”.
- “A cada 2 minutos uma mulher é vítima de arma de fogo”.
- “A cada 16,6 segundos uma mulher é vítima de ameaça com faca ou arma de fogo”
- “A cada 22,5 segundos uma mulher é vítima de espancamento ou tentativa de estrangulamento”.
- “A cada 1,5 segundo uma mulher é vítima de assédio na rua”.
- “A cada 4,6 segundos uma mulher é vítima de assédio no trabalho”.
- “A cada 6,1 segundos uma mulher é vítima de assédio físico em transporte público”.

Segundo Ardaillon (1989, apud GROSSI 1991), o movimento feminista, ao colocar em pauta o problema da violência contra a mulher em inúmeras lutas dos anos 70/80, conseguiu dar visibilidade para o assunto e contribuiu com a criação, por parte do governo da época, de políticas públicas de enfrentamento a esse tipo de violência, como por exemplo com a criação das Delegacias de Defesa da Mulher, além de outros projetos assistenciais.

Mas se a violência contra a mulher ainda apresenta dados tão altos, e, atualmente existem leis como a Maria da Penha, que está em vigor desde 2006; a lei

do Femicídio; casa abrigo para mulheres em situação de violência; o Ligue 180; o programa Mulher Viver sem Violência e um número maior de delegacias especializadas para tratar diretamente desse tipo de crime, por que os números ainda são tão elevados? Porque não é tão simples.

Primeiro há o obstáculo processual ao qual as vítimas são submetidas para denunciar o agressor: somente em 2016 é que foi inaugurada a primeira Delegacia da Mulher 24 horas, até então, elas fechavam entre 18:00 e 20:00 horas e não funcionavam aos finais de semana, que é, de acordo com Campos e Grigori (2017) justamente quando há um aumento dos casos de violência doméstica.

Toda a burocracia que deve ser levada em conta (a qual é demorada) para conseguir fazer a denúncia sem ter certeza em alguns casos de que possui uma prova que será aceita.

Mendonça (2015) também alerta para questões como: a baixa quantidade de Delegacias da Mulher: são 368 para 5,5 mil municípios; o fato da vítima ter de passar por um processo árduo para conseguir comprovar a agressão (a violência psicológica, por exemplo, é difícil de se verificar) e a impunidade ou a leve penalidade dada aos agressores, que não ficam detidos muito tempo.

Outro problema processual é, de acordo com Silvia Chakain, promotora de justiça do Grupo de Atuação Especial de Enfrentamento à Violência Doméstica, a questão dos agentes mal capacitados atendendo as vítimas:

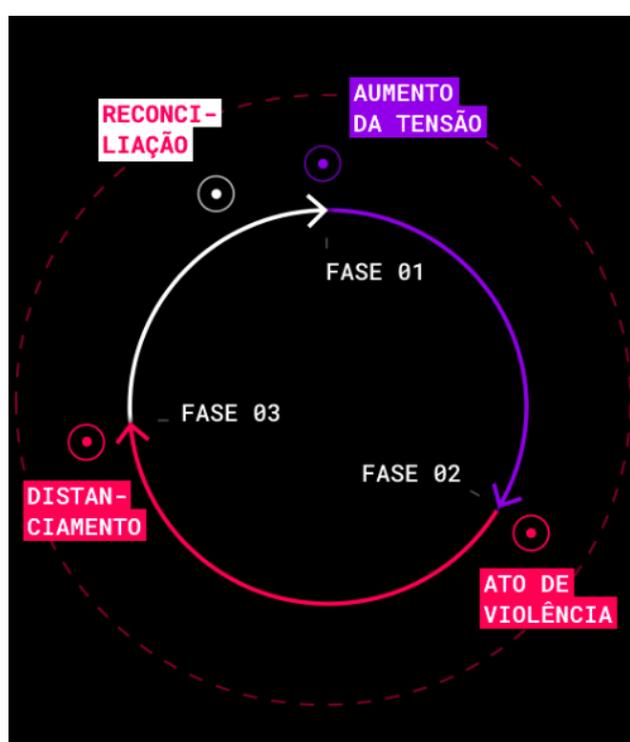
“Os agentes públicos – da polícia e até do judiciário – são membros de uma sociedade machista. E reproduzem esses estereótipos às vezes no atendimento dessas mulheres. (...) Muitas vezes, eles fazem perguntas absurdas de busca de detalhes que é impossível elas recordarem. É um tipo de violência que há um mecanismo psicológico de querer esquecer, querer apagar. E eles tratam essa mulher como se ela não fosse digna de crédito. Ela acaba tendo a responsabilidade de provar que não está ali mentindo.” (CHAKAIN, 2015).

Em outro momento, para uma palestra na TED USP, Chakain aponta outros empecilhos:

“Entra aí, muitas vezes, a compreensão dela própria como vítima. Algumas mulheres têm dificuldade de compatibilizar aquele relacionamento abusivo, violento dentro de casa com violência, não se compreendem como vítimas de violência. O temor de serem incompreendidas, às vezes por parte da justiça (...), por parte de familiares, a vergonha de expor a privacidade publicamente é um fator complicador, o medo de ser desacreditada, a dependência emocional e/ou econômica. (...)” (CHAKAIN, 2016).

Ademais, a vítima, no caso da violência doméstica, tende a desistir da

denúncia na maioria das vezes. Se ela não conta com o apoio de familiares ou das próprias instituições, é muito difícil suportar o peso do processo. A crença disseminada culturalmente em uma sociedade patriarcal de uma submissão da mulher, de que de alguma forma ela foi responsável pela violência que sofreu e de que é encargo unicamente dela a manutenção do lar, mantendo essa ideia de família unida são outros fatores complicadores. Em alguns casos também pode acontecer dela se iludir acreditando que o agressor mudou e reconciliar em um chamado círculo de violência que é composto por 3 fases:



Print 6 – Ciclo da violência contra a mulher
 Fonte: Relógios da violência. Acessado dia 09/04/2018.

Na fase 1 é onde o relacionamento começa a dar sinais de desgaste e de que há algo errado, como xingamentos, e ameaças e nessa fase a mulher frequentemente costuma atenuar a situação. A fase 2 é onde de fato a violência física é praticada. A fase 3 é marcada por uma espécie de arrependimento do autor da violência seguida de agrados e promessas de que não vai mais acontecer: a lua de mel.

Além dos obstáculos emocionais e processuais existe o fato de que a violência contra a mulher não pode ser entendida como uma ação desvincilhada de um passado histórico: ao abordarmos esse tema, invariavelmente falaremos também sobre o movimento feminista e a questão do preconceito de gênero, os quais serão

abordados mais profundamente nos referenciais teóricos.

Dessa forma, podemos perceber que a violência contra a mulher nas suas mais diversas formas é sim, uma realidade numerosa no país e deve ser combatida. Embora existam leis e políticas públicas para esse tipo de agressão, ainda se percebe muitos obstáculos de natureza emocional, financeira, cultural e processual, os quais podem levar ao silêncio da mulher.

Se por um lado deve haver uma conscientização por parte dos agentes públicos que lidam com essas vítimas, por outro, se faz necessário também um diálogo com a sociedade de maneira a alcançar as raízes do problema. Como afirma Campolina: (2016) “É preciso conversar com a sociedade, propor reflexão e fazê-la pensar no que ela pode fazer para combater um crime que até a promulgação da Lei Maria da Penha era visto como um problema pessoal, uma questão privada. ”.

Assim, os problemas e inquietações que temos de levar em consideração são:

1. O sistema atual de enfrentamento à violência contra a mulher por parte do governo apresenta falhas e existem vários obstáculos que podem desmotivar a busca por justiça e por um meio mais igualitário;
2. A violência contra a mulher é uma realidade mundial e apresenta um número elevado no Brasil;
3. Como incluir e mobilizar a sociedade no combate à violência contra a mulher levando em consideração que estamos imersos em um contexto machista?
4. Que outros meios e plataformas podem ser explorados para ajudar no processo de combate à violência?

Deste modo o projeto busca responder a seguinte questão: Como incluir e mobilizar a sociedade no combate à violência contra a mulher fazendo uso de uma plataforma que seja acessível, de fácil compreensão, colaborativa e que trouxesse mais segurança para as mulheres?

3. JUSTIFICATIVA

A vontade de abordar o tema “violência contra a mulher”, tem raízes na minha própria vivência como pessoa e inquietações relacionadas à desigualdade de gênero somadas a relatos de amigas que haviam sofrido ou presenciado a violência.

Durante minha trajetória na UnB foram muitos os casos de assédio e estupro que eu escutei de conhecidas ou mesmo pessoas próximas. Esses relatos são muito impactantes e mostram os mais variados cenários: banheiro feminino da faculdade, nos trotes do primeiro semestre, nas festas dos cursos em geral, nos Happy Hours do subsolo, no estacionamento e em casas de amigos.

Além disso, quando falamos em desigualdade de gênero, pude perceber que durante meus 4 anos e meio no universo acadêmico, foram pouquíssimos os trabalhos, teses e pesquisas de autoras mulheres que foram bibliografia básica das matérias. Não estou desmerecendo o trabalho dos pesquisadores que li, eles foram muito importantes para minha formação, mas também existe muito trabalho bom sendo feito por outras mulheres que também merece ter visibilidade.

Falar especificamente de violência contra a mulher ao invés de falar genericamente sobre violência tem suas razões:

“Se mulheres ainda são vistas como inferiores, são desumanizadas, vistas como propriedade e sofrem discriminações, reclamar das leis específicas é fingir não ver que na prática, mulheres não são vistas como iguais aos homens e ignorar as consequências dessa visão. Leis e políticas públicas específicas existem para reafirmar a condição de determinados grupos sociais como sujeitos de direitos que por mais que sejam englobados pela lei geral, na prática, ainda são discriminados e excluídos. É importante ressaltar que o grupo das mulheres é bastante heterogêneo e que muitas vezes é preciso trabalhar observando isso também. Por exemplo, as mulheres negras sofrem com questões que mulheres brancas não sofrem e isso não pode ser negligenciado”. (CAMPOLINA, 2016).

Como mulher, ao longo de toda a vida tive certas experiências que só anos mais tarde consegui correlacionar com machismo e violência e mesmo assim não foi algo fácil e nítido de se perceber. Esse entendimento não foi construído sozinho, foi necessário entrar em contato com ideias feministas através dos mais variados meios.

Para ilustrar um pouco como o tema violência contra mulher entrou na minha vida, vou contar uma parte da minha história. Sendo filha única descendente de família japonesa por parte dos meus dois pais e tendo raízes mais tradicionais, algumas

coisas pertencentes ao meu meio não podem ser desconsideradas, como a expectativa de que eu fosse uma criança obediente, dócil, servil e calma. Essa imagem foi reforçada principalmente em outros grupos sociais, através do estereótipo da cultura pop asiática consumida por aqui como por exemplo alguns animes que ainda mostram a personagem “fofa” passiva e calma dependente de uma figura masculina ou a colegial infantilizada e “fetichizada”; a imagem exótica da gueixa que está enraizado na cabeça de algumas pessoas entre outros exemplos que não cabem abordar profundamente nesse trabalho.

Com isso além da violência sofrida por ser mulher, somou-se em alguns casos questões ligadas à essa tradição e expectativas ligadas ao imaginário da mulher japonesa. Cresci e escutei, mais de uma vez, dos mais variados tipos de pessoas, que: meninas tem de ser obedientes; que nos animes elas usam roupas mais curtas então eu deveria usar roupas que valorizassem meu corpo; que não podia expressar raiva por que não pega bem pra meninas fazerem isso, não podia sair sozinha porque é muito perigoso; ir para a balada, ou bar sem ninguém então era impensável além de parecer que não me dou o respeito; que minha mãe é muito sortuda por que meu pai ajudar ela nas tarefas de casa (como se fosse encargo somente dela cuidar do lar); entre várias outras coisas que vão causando essa separação e enrijecimento sobre o que é ou não permitido para a mulher. Se como afirma Adichie (2018, p. 33) “Somos seres sociais, afinal das contas, e internalizamos as ideias através da socialização” então essas e outras coisas que escutamos influenciam, mesmo que inconscientemente, e se não tivermos uma visão crítica elas acabam se naturalizando.

Minha condição como mulher me fez ser assediada e muitas vezes agarrada em festas a força por pessoas que diziam que “adoravam asiáticas; ou que “nunca tinham ficado com uma japa” como se meu nome e identidade além das minhas vontades tivessem sido apagadas ali; fui abordada e as vezes seguida insistentemente por estranhos nas saídas dos transportes públicos sendo que alguns deles ainda usavam palavras japonesas de animes para fazer propostas sexuais; mais pessoas tentavam mexer no meu corpo quando percebiam que eu tinha bebido; e essas coisas são só uma parte da minha experiência.

Essa história é minha, mas isso não significa que situações parecidas ou muito piores não façam parte do cotidiano ou da experiência de muitas outras mulheres. Infelizmente ainda é fato que grande parte já foi vítima de alguma forma de violência.

Para além das minhas experiências pessoais, a importância de trabalhar com

o tema de violência contra a mulher é entender e admitir que ela é um problema em vários níveis. Além de complexa, pois assume várias formas (física, sexual, psicológica, moral e patrimonial), também é uma violação dos direitos humanos assentido na Convenção de Belém do Pará e é um problema de saúde pública reconhecido pela Organização Pan-Americana de saúde, OPAS, desde 2015.

A OPAS, em conjunto com a OMS disponibilizaram um texto onde alertam que os efeitos da violência contra a mulher não são somente a morte e marcas físicas, esses crimes tem consequência em longo prazo e incluem:

“problemas de saúde mental, tais como depressão, ideação suicida e abuso de substâncias psicoativas. Há também consequências negativas à saúde sexual e reprodutiva, como gravidez indesejada, infecções sexualmente transmissíveis e aborto” (OPAS/OMS, 2015, p.01).

Segundo informações retiradas do site do Governo do Brasil, um dos seus pilares para enfrentar a violência contra a mulher é conscientizar a população oferecendo informações com relação às leis como Maria da Penha e do Feminicídio, sobre o que se enquadra como violência contra a mulher, o que é a violência de gênero, os meios de denúncia e as punições perante a lei. Essa percepção da importância das informações além de dar visibilidade para essas questões tem mostrado seus resultados e mais pessoas têm realizado a denúncia.

“A Lei tem contribuído para uma maior conscientização da sociedade sobre o fenômeno da violência de gênero, dado que cada vez mais amigos, familiares e vizinhos acionaram o Ligue 180 a fim de relatar situações de violência sofridas por mulheres. No primeiro semestre de 2016, 32% dos relatos não foram registrados pelas próprias vítimas, mas por pessoas próximas.” (Governo do Brasil, 2017).

“Com mais políticas públicas que enfrentam a violência contra a mulher e com leis (Lei Maria da Penha e a Lei do Feminicídio), que determinam a punição dos agressores, a violência ganhou visibilidade jamais vista. Como resultado, mais e mais pessoas passaram a perceber as ameaças, as torturas, agressões físicas e cárceres privados.” (Governo do Brasil, 2016).

Além disso “o Distrito Federal é a primeira unidade da federação com maior taxa de registro de relatos de violência no Ligue 180 em 2016. Em segundo lugar está o Piauí e, em terceiro, o Mato Grosso do Sul.” (Governo do Brasil, 2017). O que pode nos dar um panorama sobre o engajamento da população local em enfrentar a

violência contra a mulher.

De acordo com a ONG feminista Think Olga (2015), O ano de 2015, conhecido como “Primavera das mulheres” foi importante neste cenário por colocar o feminismo em pauta e dar visibilidade a uma série de acontecimentos que colocaram na agenda midiática questões que iam desde a violência contra a mulher como a campanha #MeuPrimeiroAssédio, a criação da Lei do Feminicídio, até notícias de empoderamento das mulheres como a premiação de Viola Davis no Emmy no qual ela fez um discurso sobre representatividade. Foram realizadas palestras, rodas de conversa, campanhas, entre outros meios, mas foi pela Internet que essas questões se popularizaram e ganharam força para chegar até as mais variadas pessoas, dentre essas, algumas que nem achavam que se identificariam com questões levantadas pelo feminismo.

E essa abordagem, tendo como canal de divulgação principalmente a Internet, se mostrou muito eficaz. A ONG, em parceria com a agência Ideal criaram um gráfico que mostra o crescimento de pesquisas ligadas ao feminismo e empoderamento da mulher se comparadas ao ano anterior e uma retrospectiva de projetos e notícias que marcaram 2015.



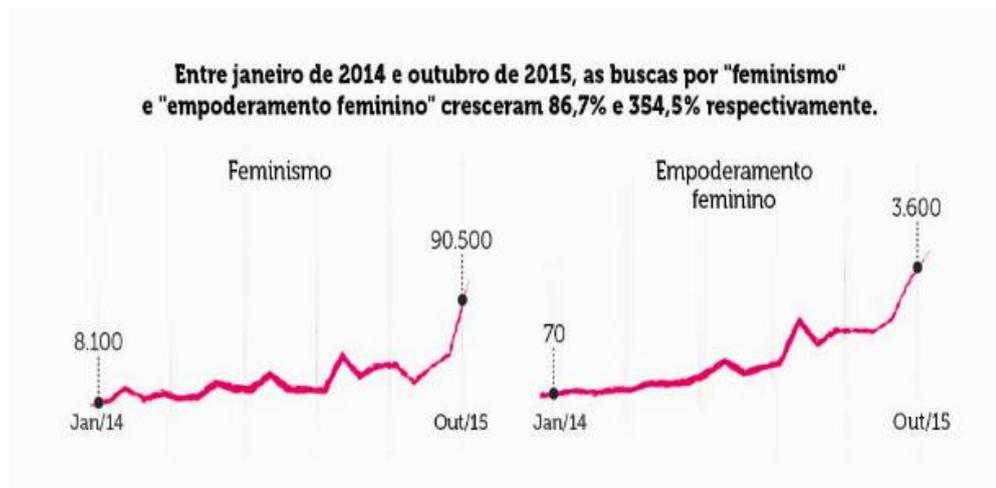


Gráfico 2 – Número de pesquisas na internet em 2015 sobre temas feministas
 Fonte: Think Olga em parceria com a Agência Ideal. Acessado dia 20/04/2018.

Nesse sentido, podemos perceber que a internet, por dar espaço de fala às pessoas e por ser um meio ao qual cada vez mais indivíduos tem acesso, permite que mais pessoas tenham informação e conhecimento. Para a questão da violência contra a mulher, ambos são necessários para a auto percepção dela sobre seu contexto, seus direitos e como buscar ajuda.

Pensando dessa forma, quais outros meios existem ou são possíveis de explorar de modo a ajudar no enfrentamento à violência contra a mulher?

Projetos como o Chega de Fiu Fiu¹ que é um mapa colaborativo onde a mulher pode marcar onde e quais tipo de violência ela sofreu, Vamos Juntas² que é um movimento que estimula as mulheres a se unirem contra a violência e tem como slogan “Na próxima vez que estiver em uma situação de risco, observe: do seu lado pode estar outra mulher passando pela mesma situação. Que tal irem juntas? ”.

Minha Voz³ é um site que tem informações sobre o que é violência e como buscar ajuda além de permitir que as pessoas publiquem anonimamente suas histórias.

ONG Artemis⁴ de São Paulo e Think Olga⁵ que trazem notícias, projetos e lutam para uma sociedade mais igualitária e com menos violência para mulheres.

Para além desses meios citados anteriormente que são mais conhecidos, existem também os aplicativos para celular, que embora tenham ótimas propostas,

¹ <http://chegadefiufiu.com.br/>

² <http://www.movimentovamosjuntas.com.br/>

³ <http://www.minhavoiz.com/>

⁴ <https://www.artemis.org.br/>

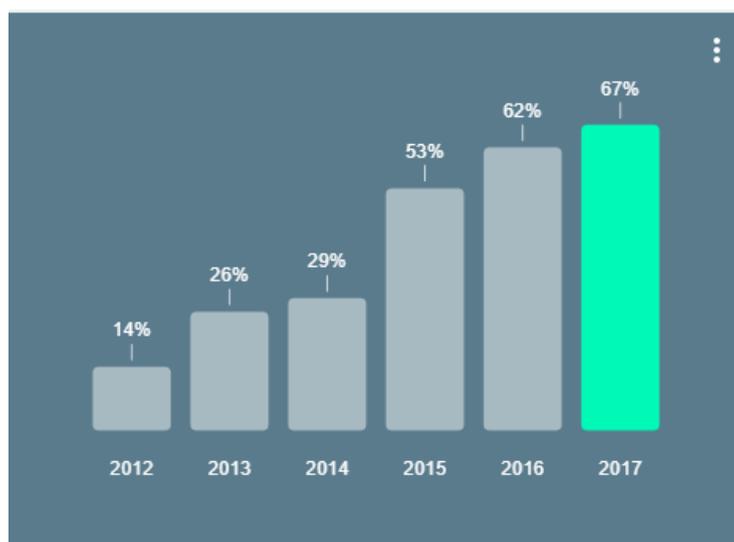
⁵ <https://thinkolga.com/>

sofrem com uma série de problemas, como exemplos:

1. A falta de divulgação e conhecimento ainda é muito grande fazendo com que a maioria das pessoas nunca nem tenham ouvido falar;
2. A maior parte são aplicativos estrangeiros e não se adaptam ao cenário brasileiro, seja pela barreira do idioma, pela inclusão do número 9 a mais nos telefones daqui, entre outros motivos;
3. Falta de manutenção, interesse e esquecimento fazem com que ele pare de funcionar ou não funcione direito.

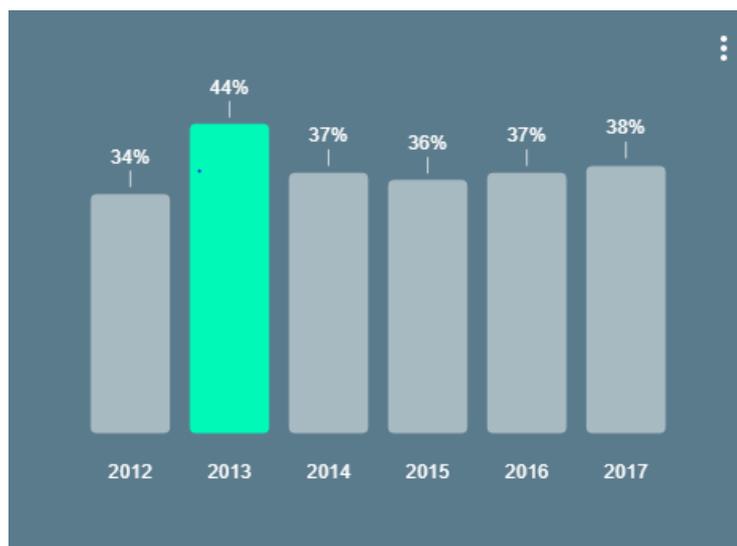
Mas esse não é um meio que deveria ser menosprezado, ao contrário, ele oferece uma nova gama de opções e funcionalidades que não estão sendo exploradas devidamente e que poderiam muito bem trabalhar em conjunto com outros meios.

Além disso, o Google Consumer Barometer de 2017 mostra que em 2017, 69% das pessoas tinham um *Smartphone* aqui no Brasil, e o uso de computadores caiu desde 2013 passando de 44% para 38%. A Agência Brasil EBC (GANDRA, 2017) aponta outro dado interessante: o smartphone é o principal meio de acesso à internet por 69% das pessoas, seguido do computador com apenas 27%.



Percentage of people who use a smartphone.

Gráfico 3 – Percentual de pessoas que usam smartphones
Fonte: Google Consumer Barometer. Acessado dia 01/05/2018.



Percentage of people who use a computer.



Gráfico 4 – Percentual de pessoas que usam computadores
 Fonte: Google Consumer Barometer. Acessado dia 01/05/2018.

Um estudo feito pela AppAnnie (2017) feita com 10 países sendo eles: Brasil, China, Estados Unidos, Índia, Japão, Reino Unido, Alemanha, México, Coreia do Sul e França relata que uma grande parcela dos consumidores prefere administrar suas vidas através dos aplicativos e a indústria acredita que eles sejam os novos “*must have*”. O Brasil lidera a pesquisa sendo o país com a maior média de uso de diferentes aplicativos no período de um dia, cerca de 12 aplicativos, e o segundo que passa mais tempo usando eles, perto dos 180 minutos para os usuários de Android

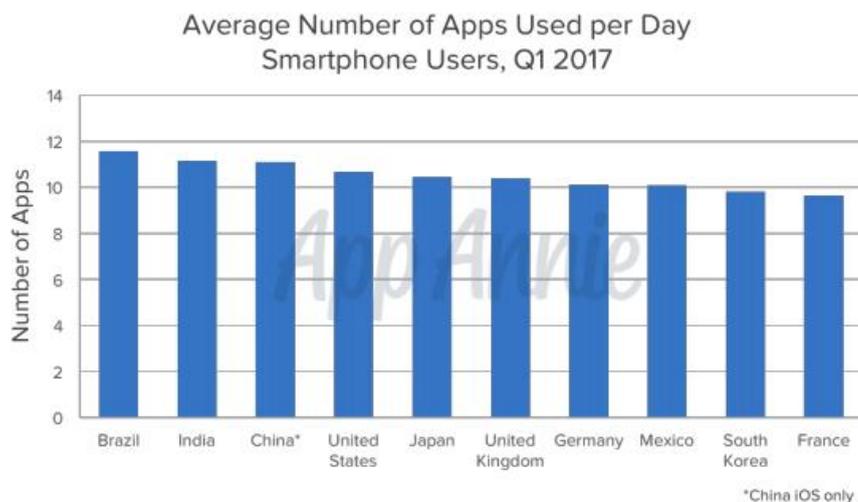


Gráfico 5 – Número médio de aplicativos usados por dia
 Fonte: AppAnnie. Acessado dia 15/05/2018.

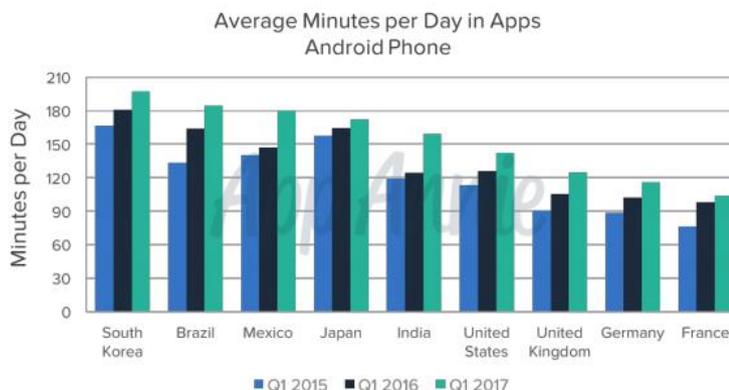


Gráfico 6 – Média de minutos gasto por dia em aplicativos
Fonte AppAnnie. Acessado dia 15/05/2018.

Isso mostra como o uso de smartphones tem crescido no Brasil, sendo o principal meio de acesso à internet, e como o país é adepto ao uso de aplicativos. Trabalhar com esse formato tem ainda outras vantagens como: rapidez na hora de entrar, já que estará sempre nas primeiras páginas do celular sendo mais ágil do que abrir o navegador do mesmo, digitar a URL do site, ser redirecionado e em alguns casos ter de “logar”; proximidade, tendo em vista que o celular é um dos itens que acompanham o usuário ao longo do dia e a opção de trabalhar com funcionalidades que não estão sendo muito exploradas.

Dessa forma, optou-se por trabalhar com o tema violência contra a mulher tendo como plataforma um aplicativo para dispositivos móveis e levando em consideração as facilidades trazidas por esse meio.

4. OBJETIVOS

4.1.1. OBJETIVO GERAL

Compreender a violência contra a mulher, sua manutenção na sociedade e seus meios de combate e criar uma proposta de aplicativo colaborativo e intuitivo para dispositivos móveis que vise ajudar no enfrentamento dessas questões.

4.1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Entender quais são as dificuldades de se criar e manter um aplicativo no Brasil;
2. Entender as violências que as mulheres sofrem no Distrito Federal e se há uma abertura para projetos como esse;
3. Analisar os pontos fortes e fracos de aplicativos parecidos e quais são suas propostas;
4. Pensar em uma forma de mobilizar a comunidade para ajudar no combate à violência contra a mulher fazendo o uso dos aplicativos;
5. Estudar usabilidade de modo a criar um aplicativo que seja fácil de compreender e usufruir;
6. Explorar as funcionalidades dos dispositivos móveis e entendê-los como meios tecnológicos altamente difundidos;
7. Analisar o pensamento de autores sobre a ligação entre desigualdade de gênero e violência contra a mulher;
8. Proporcionar visibilidade para a questão da violência contra a mulher e trabalhar para construir um meio mais igualitário.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

5.1. SOCIEDADE E A MANUTENÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Se queremos fazer um aplicativo de combate a violência contra a mulher, precisamos primeiro entender quais os conceitos que foram utilizados, como: o que é essa violência, movimento feminista, machismo, patriarcado, desigualdade de gênero e o que é entendido como mulher. Para isso, essa parte do trabalho foi embasada nos livros: Feminismo em comum da Márcia Tiburi; Sejamos todos feministas da Chimamanda Ngozi Adiche e trabalhos da antropóloga Miriam Pillar Grossi.

O termo violência contra a mulher, especificamente, nomeia uma gama de acontecimentos, e foi forjada pelo movimento feminista há cerca de 20 anos. De acordo com Grossi (1995, apud SCHRAIBER; OLIVEIRA, 1999):

“A expressão refere-se a situações tão diversas como a violência física, sexual e psicológica cometida por parceiros íntimos, o estupro, o abuso sexual de meninas, o assédio sexual no local de trabalho, a violência contra a homossexualidade, o tráfico de mulheres, o turismo sexual, a violência étnica e racial, a violência cometida pelo Estado, por ação ou omissão, a mutilação genital feminina, a violência e os assassinatos ligados ao dote, o estupro em massa nas guerras e conflitos armados”.

Por causa da diversidade do que é englobado e entendido como violência contra a mulher, se faz necessário delimitar um escopo para a atuação do aplicativo, o recorte escolhido foi embasado nas pesquisas sobre violência contra mulher apresentadas e as formas em que ela mais se manifestou, sendo: estupro, assédio sexual, ameaça, atentado ao pudor, assalto e agressão física.

De acordo a análise de Grossi (1991) sobre trabalhos na área, ao estudar a problemática da violência contra a mulher, existem três abordagens que são predominantes:

“uma, mais generalizante, que opera com o conceito de violência utilizado como sinônimo de opressão masculina (3); uma outra, majoritária nos trabalhos analisados, que escolhe a violência conjugal ou doméstica como locus privilegiado de análise da situação estrutural da mulher na sociedade brasileira; uma terceira, mais recente, parece apontar ora para uma redefinição da problemática da violência a luz dos estudos de gênero, ora retorna a uma abordagem feminista da violência, com a recuperação do significado mais amplo do conceito ,ligado a ideia de opressão da mulher.” (GROSSI, 1991, p.02).

Dessa forma, o norte usado nesse trabalho para compreender a violência contra a mulher e sua manutenção foi sob a perspectiva da desigualdade de gênero,

presente na sociedade patriarcal. De acordo com Tiburi (2018)

“O que chamamos de patriarcado é um sistema profundamente enraizado na cultura e nas instituições. É esse sistema que o feminismo busca desconstruir, ele tem um sistema de crença baseada em uma verdade absoluta (...) que é, antes, produzida na forma de discursos, eventos e rituais. Na sua base está a ideia sempre repetida de haver uma identidade natural, dois sexos considerados normais, a diferença entre os gêneros, a superioridade masculina e a inferioridade das mulheres”. (TIBURI, 2018, P.26 – 27).

“O patriarcado é também uma forma de poder. Ele é como uma coisa, uma geringonça feita de ideias prontas inquestionáveis, de certezas naturalizadas, e dogmas e leis que não podem ser questionadas, de muita violência simbólica e física, de muito sofrimento e culpa” (TIBURI, 2018, p.40).

A sociedade patriarcal é baseada na crença da superioridade masculina e consequentemente na desigualdade de gênero. Para manter esse poder ele faz uso de uma série de recursos como: a manutenção das ideias e comportamentos machistas e a misoginia.

Esses recursos visam negatar tudo aquilo que vai contra a ordem considerada natural para ele, a diferença entre os dois é que o machismo não é dirigido somente às mulheres, mas à característica feminina e a todos que são marcadas por ela, já que supervaloriza as características masculinas em detrimento da primeira. Já misoginia é linguagem de ódio direcionado a mulheres que não se comportem da forma que o patriarcado espera. De acordo com Tiburi (2018, p.39) “A violência física também é linguagem. Atos de violência, seja verbal ou física, seja espancamento ou estupro”. Para ela “No patriarcado o destino das mulheres é a violência.” (TIBURI, 2018, p.32)

Dessa maneira o feminismo entra aqui como movimento contrário ao patriarcado e à violência contra a mulher e é reforçado por Grossi, que afirma:

“A grande maioria dos estudos sobre a violência contra a mulher no Brasil faz referência ao feminismo, seja enquanto movimento político que “dá visibilidade a violência”, seja porque se utilizam do discurso de denúncia construído pelo movimento.” (GROSSI, 1991, p.02).

As questões de desigualdade de gênero, da diferença como homens e mulheres são criados, os papéis que são atribuídos a cada um deles e como estes ajudam na perpetuação do patriarcado são temas fundamentais para o feminismo.

Se “internalizamos as ideias por meio da socialização” (Adiche, 2018) e as naturalizamos por meio de nossa fala, então a desigualdade de gênero contribui diretamente para a manutenção do patriarcado quando, por exemplo, acredita que tal

coisa é trabalho de mulher, que as mulheres são propriedades, que o homem é quem manda e que a manutenção do lar é trabalho delas.

Gênero é uma construção social comportamental de características ligadas aos sexos biológicos de homem e mulher e que criam jogos de poder, como afirma Tiburi (2018, p. 28) “ Gênero é um termo usado para analisar os papéis “masculino” e “feminino” que se tornaram hegemônicos. A aparência de homem e mulher está profundamente ligada a regras de comportamento. ”.

Para Adichie (2015, p.36-37) “O problema da questão de gênero é que ela prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos. (...) Meninos e meninas são inegavelmente diferentes em termos biológicos, mas a socialização exagera essas diferenças”

Mas os papéis de gênero são culturais e podem mudar:

“Na verdade, sempre agimos como mulheres socialmente programadas e não, como costumamos pensar, como mulheres biologicamente determinadas. É claro que podemos (e devemos) modificar cotidianamente aquilo que é esperado dos indivíduos do sexo feminino, pois o gênero (ou seja, aquilo que é associado ao sexo biológico) é algo que está permanentemente em mudança, e todos os nossos atos ajudam a reconfigurar localmente as representações sociais de feminino e de masculino. Na verdade, em todas as sociedades do planeta, o gênero está sendo, todo o tempo, ressignificado pelas interações concretas entre indivíduos do sexo masculino e feminino. Por isso, diz-se que o gênero é mutável.” (GROSSI, 1989, p.05).

Por fim, o entendimento nesse trabalho do que é essa denominação de mulher, é o mesmo proposto pela Tiburi:

“No contexto do patriarcado a identidade é um parâmetro heteroconstruído; no feminismo a identidade é um elemento de construção de si que passa necessariamente pelo autorreconhecimento de cada um acerca de si mesmo. As mulheres trans, nesse sentido, têm todo o direito de se dizerem mulheres, do mesmo modo que qualquer pessoa que se identifique com esses signos.” (TIBURI, 2018, p. 22).

Tiburi (2018) reforça a importância do conhecimento, já citado anteriormente no trabalho e afirma que somente através dele é que podemos nos libertar das estruturas de violência, sejam quais forem, que atingem quem é definido ou se define como mulher.

O papel que a sociedade desempenha tanto na manutenção do patriarcado e conseqüentemente do machismo, bem como seu potencial de mudança não podem ser menosprezados. Seria errado dizer que só porque um indivíduo se identifica com o símbolo de mulher que ele, desta forma, estaria livre das amarras do machismo. Nós

crecemos envolvidos por ele, Tiburi (2018, p. 63) entende que o machismo “mesmo que seja uma ordem externa ao nosso desejo, foi e é introjetado por muitas pessoas, inclusive mulheres. E, porque o machismo faz parte de um modo orgânico de pensar, de sentir e de agir, é tão difícil de modificá-lo.”

Se queremos que em algum ponto os indivíduos entendam que estão inseridos em uma sociedade desigual e violenta e que é necessária uma mudança na forma de pensar e na interação entre eles, devemos fornecer os meios para que entendam como suas ações corroboram para a manutenção desse sistema. Mudar algo que está, para muitas pessoas, enraizada na forma de pensar e nos estereótipos de gênero é um caminho árduo, mas é necessário falar sobre machismo, violência contra a mulher e misoginia porque nossos próprios discursos “carregam ideias que naturalizam a violência contra mulheres”. (CAMPOLINA, 2016).

5.2. DESIGN THINKING E USABILIDADE

A abordagem de Design Thinking utilizada nesse trabalho foi retirada do livro do Tim Brown (2017), o qual é uma das referências na área. Ele acredita que “inovação é valor percebido. Quando um produto ou serviço é inovador ele causa impacto na vida das pessoas e transforma para sempre a forma dessas pessoas viverem e trabalharem “. Dessa forma, contribuir para o enfrentamento da violência contra a mulher é também transformar positivamente a sociedade em que vivemos.

A opção por fazer uso do Design Thinking foi motivada pelo seu caráter humano, com foco no usuário e em suas necessidades, e exploratório capaz de nos dar bons *insights* e dessa maneira melhorar o produto final. De acordo com o autor:

“Não se trata de uma proposta apenas centrada no ser humano; ela é profundamente humana pela própria natureza. O design thinking se baseia em nossa capacidade de ser intuitivos, reconhecer padrões, desenvolver ideias que tenham significado emocional além do funcional.” (BROWN, 2017, p.01)

Os três pilares de criação de um produto que tem como base o Design Thinking são: inspiração, idealização e implementação. “[...] inspiração, o problema ou a oportunidade que motiva a busca por soluções; a idealização, o processo de gerar, desenvolver e testar ideias; e a implementação, o caminho que vai do estúdio de design ao mercado”. Esses caminhos não são lineares e é possível passar por eles mais de uma vez durante um projeto.

No caso desse trabalho, a inspiração foi percorrida inicialmente pelo problema enxergado e vivenciado, que é a violência contra a mulher e novamente após os problemas da primeira versão, onde foi necessário buscar novas alternativas.

O processo de idealização aconteceu por meio dos brainstormings e do processo convergente e divergente que foram necessários para formular as primeiras ideias de funcionalidades; no teste de aceitação das mesmas e nos inúmeros esboços que foram moldando a aparência do aplicativo.

Já a implementação não pôde ser abrangida nesse trabalho, mas a ideia é que isso aconteça em breve.

Para além disso, o Design Thinking também afirma que é necessário conhecer e vencer as restrições, que também são divididas em três: Desejabilidade, viabilidade e praticabilidade. A primeira está relacionada ao valor emocional atribuído que as pessoas veem no produto; a segunda é se ele é viável no sentido de pensar se realmente existe algo que ele deve combater ou melhorar e o terceiro é se ele é possível de ser feito.

Com relação à primeira e levando em consideração as respostas do questionário aplicado, percebeu-se que a maioria das mulheres responderam afirmando que estariam dispostas a usar um aplicativo com essa proposta.

A segunda restrição também é superada pelo fato de que a violência realmente existe, os números são elevados e podem acontecer com qualquer mulher.

E a terceira já se verificou que ele é possível de sair do papel tanto pelo lado do mercado de dispositivos móveis quanto das funcionalidades que podem ser certamente implementadas em smartphones com o sistema operacional Android. Com relação ao IOS, isso ainda está sendo estudado.

Insight, Observação e Empatia são características defendidas por Brown e que ajudam na criação do produto. Transformar observação em insights é fundamental no Design Thinking. Ao observar mais de perto os grupos comunitários de Whatsapp do Park Way e como meus pais usavam eles, foi que nasceu uma faísca para trabalhar com um aplicativo de segurança (que ainda não tinha o caráter de ser voltado para mulheres). Nesses grupos as pessoas são solidárias e muitas vezes os assuntos são sobre segurança. Não foram raras as vezes que alguém, quando tinha algum problema, mandava uma mensagem para acionarem a polícia e inúmeras pessoas o faziam prontamente.

Por fim, a importância de um bom design, defendida por Brown (2017) também

conversa com a questão da usabilidade de Krug (2014). O bom design cria uma boa experiência e essa cria vínculos emocionais. Deste modo, construir um bom aplicativo, tendo o cuidado de trabalhar devidamente com a usabilidade é mostrar que se preza com o usuário e que as experiências dele dentro da plataforma importam.

Krug (2014) ensina que o design deve ser limpo e claro o suficiente para que o usuário olhe para a tela e não tenha que perder tempo pensando e tentando descobrir como ele funciona.

Dessa forma, ele trabalha com questões como visibilidade da fonte, caminho de leitura, deixar óbvio o que pode ser clicado, áreas claramente definidas, mínimo possível de ruído visual, distância do conteúdo desejado, caminho do usuário e a importância de testar se uma versão funciona.

Para os aplicativos mobile, dentro do conceito de usabilidade, que são todos os recursos e meios que se pode optar para gerar uma experiência mais satisfatória também estão conceitos como: agradabilidade, aprendabilidade e inesquicibilidade.

“Aplicativos agradáveis normalmente resultam do casamento de uma ideia acerca de algo que as pessoas realmente adorariam ter como fazer, mas não imaginam que seja possível, com uma ideia fresca sobre como usar novas tecnologias para executar o que pretendem. [...]. Agregar agradabilidade em aplicativos mobile se tornou incrivelmente importante devido à competitividade do mercado de aplicativos. Fazer algo simplesmente bom não basta para criar um hit; você tem de fazer algo incrível. Agradabilidade é meio que um acréscimo ao design centrado no usuário” (KRUG, 2014, p. 156)

Aprendibilidade fala que, se o aplicativo for muito complexo, ele precisa ser aprendido e da importância de se ter um lugar para dúvidas de navegação. No aplicativo a ideia é que ele não seja complexo de aprender, mas a aprendibilidade foi usada quando se criou a funcionalidade “informação”.

Inesquicibilidade está relacionada com a facilidade com que as funcionalidades ficam gravadas na mente do usuário. Se elas não forem autoexplicativas ou eles tiverem que perder tempo toda vez que entrar no dispositivo tentando lembrar de como funcionavam as coisas, eles vão parar de usar o aplicativo. A inesquicibilidade foi aplicada ao design do aplicativo por meio das escolhas dos ícones que são autoexplicativos para as funcionalidades principais e padrões para os demais. Estes últimos são largamente usados e facilmente reconhecíveis.

6 METODOLOGIA

6.1 PESQUISA

Para a elaboração do trabalho, a metodologia utilizada foi primeiramente aplicar uma pesquisa exploratória só para mulheres e depois filtrar os resultados apenas para a região do Distrito Federal e maiores de 18 anos. A restrição de idade aconteceu devido ao fato de que por se tratar de um aplicativo com caráter colaborativo, algumas interações entre usuários seriam imprescindíveis, e, ao tornar o aplicativo aberto para menores de idade seria necessário entrar em questões de segurança e leis que não foram possíveis avaliar nessa fase inicial do projeto.

A restrição do espaço físico é motivada porque na fase inicial do aplicativo posterior ao desenvolvimento do aplicativo existem dois testes que servem para avaliar se ele está seguro e funcionando corretamente: Teste alfa que é feito conjuntamente com o desenvolvedor e os testes Beta onde se escolhe uma fatia de usuários para que eles utilizem o aplicativo e reportem se aconteceu algum erro de programação. Dessa maneira, trabalhar com mulheres do DF traz a facilidade física de conseguir voluntárias para testar os protótipos.

A pesquisa visava entender quais eram os hábitos das mulheres daqui, se elas já haviam sofrido violência, como se protegiam dela, os locais que mais aconteciam casos, se elas consideravam a região em que moravam segura e se haveria aceitação da proposta de um aplicativo como esse. Vale lembrar que o caráter dessa pesquisa é exploratório, de forma a ajudar a nortear a elaboração do produto e dessa maneira não possui o rigor necessário para se calcular margem de erro e nível de confiança como uma pesquisa com precisão estatística teria. Outro problema enfrentado e que também impossibilitaria essa precisão foi que, embora houvessem esforços para tentar alcançar diferentes tipos de pessoas, a amostra final não foi representativa: 49,57% tinham entre 18 a 29 anos e os três maiores grupos de escolaridade eram ensino superior incompleto (36,64%), ensino superior completo (23,71%) e pós-graduação completa (26,72%).

A amostragem usada foi a não probabilística, ou seja, amostragem de conveniência, a qual consiste em selecionar uma amostra da população que seja de fácil acesso. O questionário ficou aberto no Google Forms por uma semana entre as datas 09/04/2018 e 16/04/2018. A pesquisa foi toda feita on-line e os canais de

divulgação utilizados foram o Facebook, o Instagram e o Whatsapp. Para alguns contatos mais próximos foi solicitado que, se possível, eles também divulgassem em suas redes sociais e pedissem igualmente para disseminar.

No total foram obtidas 298 respostas brutas, entre moradoras e não moradoras do Distrito Federal. Para a pesquisa, porém, foram filtradas e analisadas 232 respostas.

A escolha de abordar nessa pesquisa a violência como sendo: estupro, assédio sexual, ameaça, atentado ao pudor, assalto e agressão física foi uma maneira de fazer um recorte nesse universo tão amplo e trabalhar com as formas de violência contra a mulher que eram mais relatadas nas pesquisas de órgãos oficiais utilizadas de base desse trabalho

Um ponto interessante da pesquisa foi que além dos números terem superado as expectativas iniciais, houve realmente muito engajamento tanto das mulheres que responderam à pesquisa quanto daquelas que disseminaram, pois houveram respostas de quase todas as regiões do Brasil como por exemplo: Manaus, Palmas, Belo Horizonte, Cuiabá, Florianópolis, Três Lagoas, Pinhais, Cuiabá, Medianeira e São Paulo, além de terem ultrapassado as fronteiras nacionais e alcançado mulheres de outros países como La Paz na Bolívia e Tulsa nos Estados Unidos.

Embora não haja muitas pessoas de fora do DF, ainda assim, esse engajamento pode ser um indício da importância que essas pessoas atribuem a temas como esse e o poder da capacidade de divulgação das redes sociais e dos dispositivos móveis.

O questionário teve perguntas de múltipla escolha, sim e não, escala numérica e em alguns casos a opção de poder escrever no campo “outros”. Essa escolha por abranger diversas formas de resposta foi com o intuito de dar mais liberdade, e foi uma tentativa de entender melhor como era essa violência além da impossibilidade que tivemos para prever todas as possíveis respostas e dessa forma enrijecer o questionário. Embora esse formato tenha trazido bons resultados, ele trouxe uma série de problemas que gastaram muito tempo na hora de organizar as respostas para serem computadas.

O primeiro deles foi que o próprio arquivo gerado pelo Google Forms, com as respostas brutas, por algum motivo veio muito desorganizado de modo que era impossível ler no WEKA. As opções que teríamos aqui eram: ou organizar cada uma das 298 respostas individualmente ou criar um programa que automatizaria a leitura

e organização desses dados. Ambos os processos eram demorados, mas optou-se pelo segundo método pois, embora não fosse a intenção, poderiam ocorrer erros humanos ao transcrever tantos dados e, se isso ocorresse, seria difícil de localizá-los.


```

1 @relation dadosSemiCentro
2
3 @attribute Idade {De-18-a-29-anos, De-30-a-39-anos, De-40-a-49-anos, De-50-a-59-anos, Acima-de-60-anos}
4 @attribute Escolaridade {Ensino-Fundamental-Incompleto, Ensino-Fundamental-Completo, Ensino-Medio-Incompleto, Ensino-Medio-Completo, Ensino-Superior-Incompleto, Ensino-Superior-Completo}
5 @attribute Bairro/Cidade {Ara-Porte, Lago-Sul, Lago-Norte, Cruzeiro, Bralandia, Park-Way, Taguatinga, Brasilia, Guara, Jardim-Botânico, Ara-Sul, Paranaíba, Sudoeste}
6 @attribute Sofreu-Violencia {Sim, Nao}
7 @attribute Violencia-rua {Sim, Nao, x}
8 @attribute Violencia-hospital/clinica {Sim, Nao, x}
9 @attribute Violencia-casa {Sim, Nao, x}
10 @attribute Violencia-trabalho {Sim, Nao, x}
11 @attribute Violencia-transporte-publico {Sim, Nao, x}
12 @attribute Violencia-show/festa {Sim, Nao, x}
13 @attribute Violencia-bar {Sim, Nao, x}
14 @attribute Violencia-escola/universidade {Sim, Nao, x}
15 @attribute Violencia-casa-alheia {Sim, Nao, x}
16 @attribute Violencia-carro-particular {Sim, Nao, x}
17 @attribute Violencia-shopping/cinema {Sim, Nao, x}
18 @attribute Violencia-outros {Sim, Nao, x}
19 @attribute Estupro-por-mulher {Sim, Nao, x}
20 @attribute Estupro-por-mulher {Sim, Nao, x}
21 @attribute Assedio-por-mulher {Sim, Nao, x}
22 @attribute Ameaca-por-mulher {Sim, Nao, x}
23 @attribute Atentado-pudor-por-mulher {Sim, Nao, x}
24 @attribute Assalto-por-mulher {Sim, Nao, x}
25 @attribute Agressao-fisica-por-mulher {Sim, Nao, x}
26 @attribute Violencia-por-homem {Sim, Nao, x}
27 @attribute Estupro-por-homem {Sim, Nao, x}
28 @attribute Assedio-por-homem {Sim, Nao, x}
29 @attribute Ameaca-por-homem {Sim, Nao, x}
30 @attribute Atentado-pudor-por-homem {Sim, Nao, x}
31 @attribute Assalto-por-homem {Sim, Nao, x}
32 @attribute Agressao-fisica-por-homem {Sim, Nao, x}
33 @attribute Seguranca-onde-mora {0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10}
34 @attribute Mora-sozinha {Sim, Nao}
35 @attribute Divida-moradia {Sim, Nao}
36 @attribute Transporte-publico-reguladamente {Sim, Nao}
37 @attribute Carro-proprio {Sim, Nao}

```

Print 9 – Atributos formato ARFF
Fonte: própria (2018).

Outros obstáculos enfrentados foram: variedade de formas que as pessoas conseguiam escrever uma mesma palavra nos campos discursivos, como por exemplo: Brasília, Brasilia, brasilia e brasília, e essas eram computadas como coisas diferentes e precisaram ser arrumadas individualmente; as respostas discursivas do campo “outro” precisaram ser lidas e filtradas uma a uma e algumas repostas incoerentes, como exemplo, as que marcaram terem sofrido violência mas na hora de falar quais seriam elas escreviam “nenhuma” no campo “outro”.

Por eu não possuir conhecimento aprofundado na área de Tecnologia da Informação, a criação do programa para arrumar o arquivo do Google Forms; a conversão dos dados para o formato de arquivo .ARFF; o uso do WEKA e a extração dos resultados foi feita pelo Álvaro Veiga, estudante de Ciência da Computação do UniCeub.

O modelo de questionário e o caminho de resposta foram anexados no apêndice e os resultados brutos da pesquisa, sem as respostas discursivas, foram:

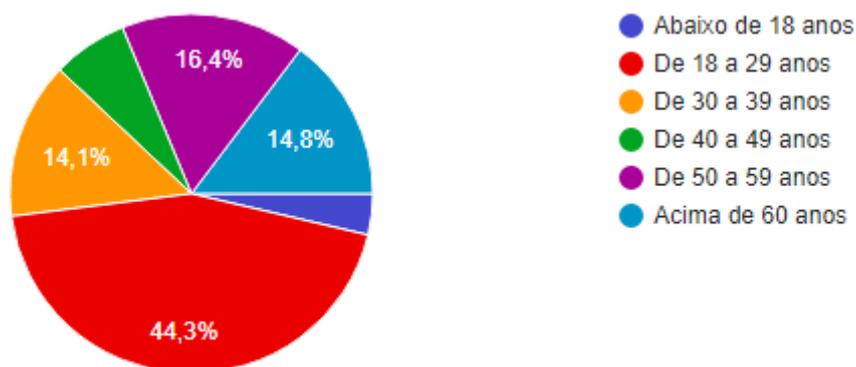


Gráfico 7 – Idade das respondentes
Fonte: Própria (2018).

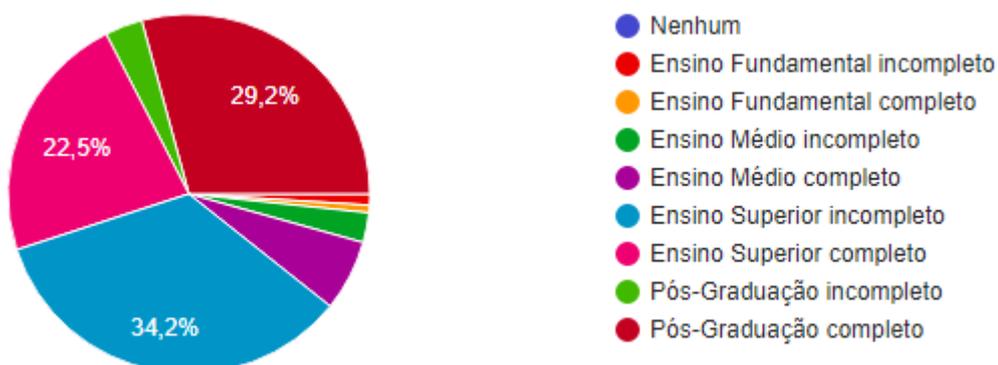


Gráfico 8 – Escolaridade das respondentes
Fonte: Própria (2018).

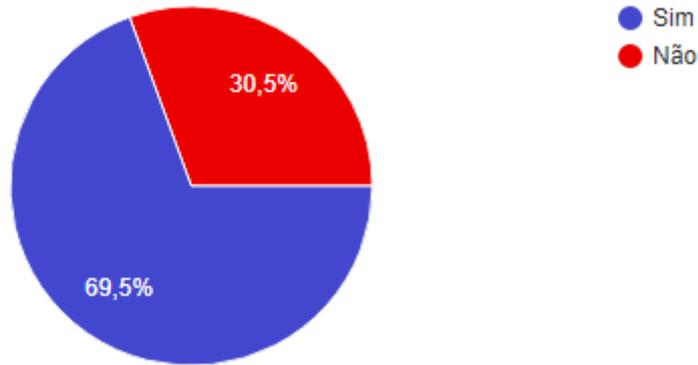


Gráfico 9 – Porcentagem de respondentes que já sofreram algum tipo de violência
 Fonte: Própria (2018).

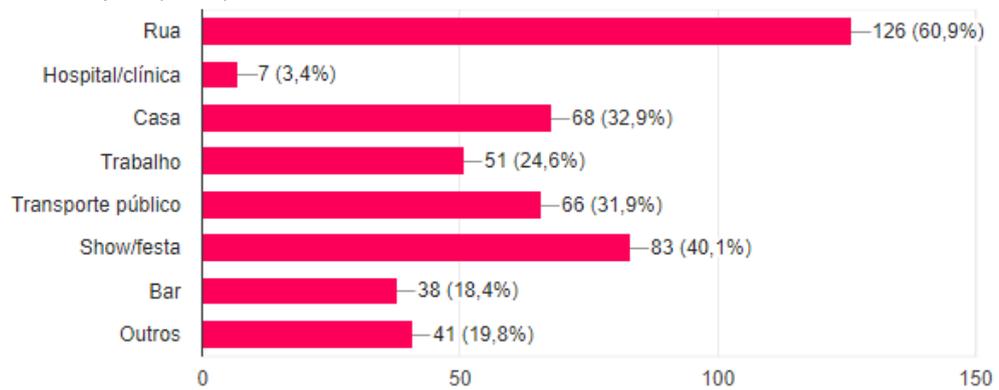


Gráfico 10 – Onde as violências aconteceram?
 Fonte: Própria (2018).

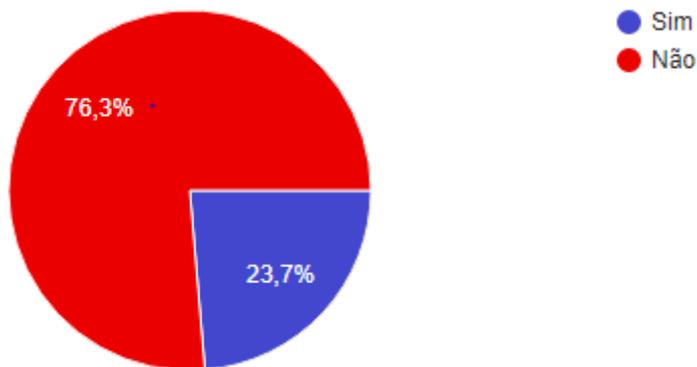


Gráfico 11 – Respondentes que sofreram violência por outras mulheres
 Fonte: Própria (2018).

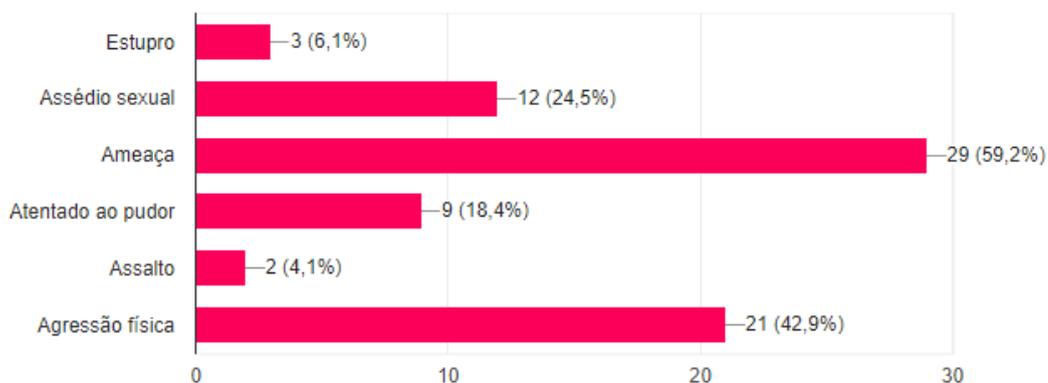


Gráfico 12 – Formas de violências que as respondentes mais sofreram por outras mulheres
Fonte: Própria (2018).

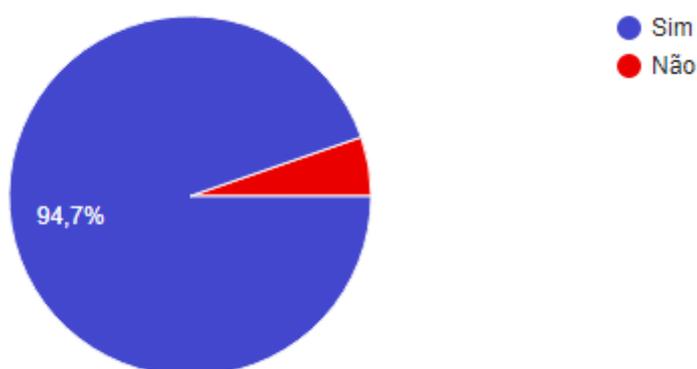


Gráfico 13 – Respondentes que sofreram violência por parte de homens
Fonte: Própria (2018).

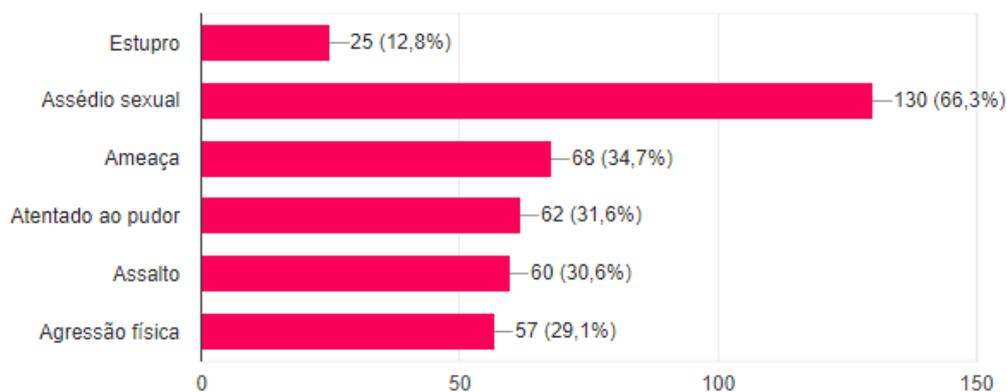


Gráfico 14 – Formas de violência que as respondentes mais sofreram por parte de homens
Fonte: Própria (2018).

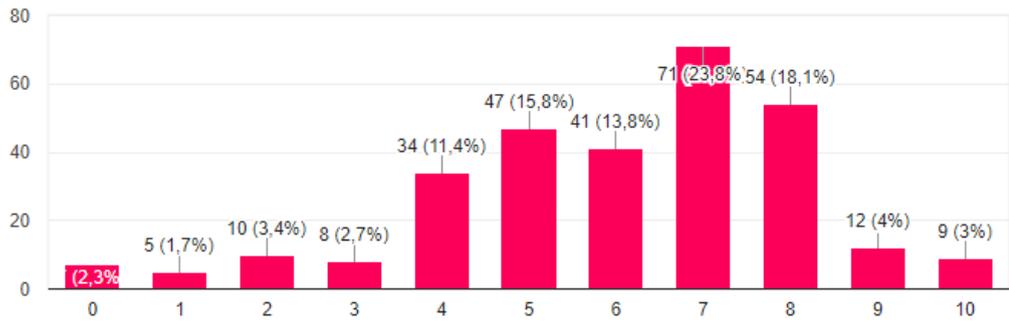


Gráfico 15 – Como classificam a segurança da região onde moram
 Fonte: Própria (2018).

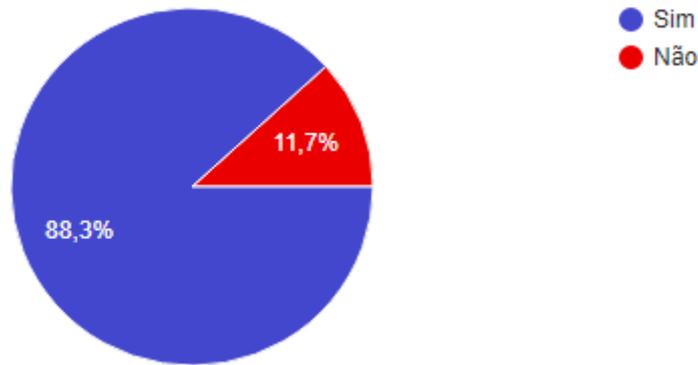


Gráfico 16 – Mulheres que mudaram suas rotinas por medo de sofrer violência
 Fonte: Própria (2018).

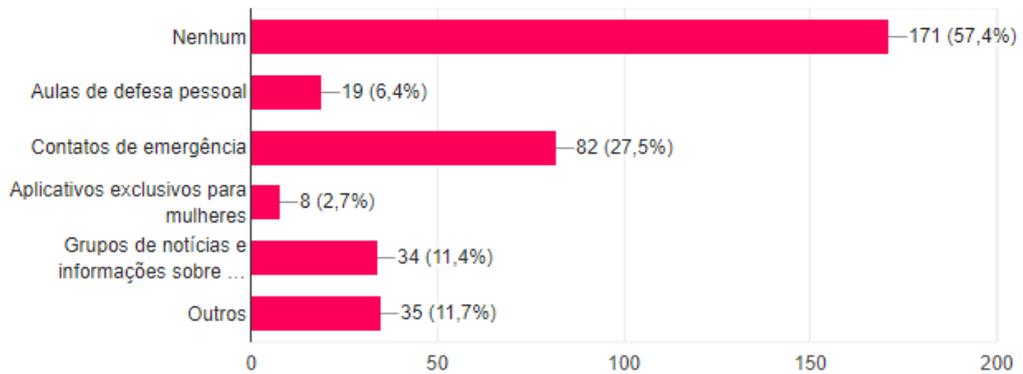


Gráfico 17 – Meios que elas usam para se proteger da violência
 Fonte: Própria (2018).

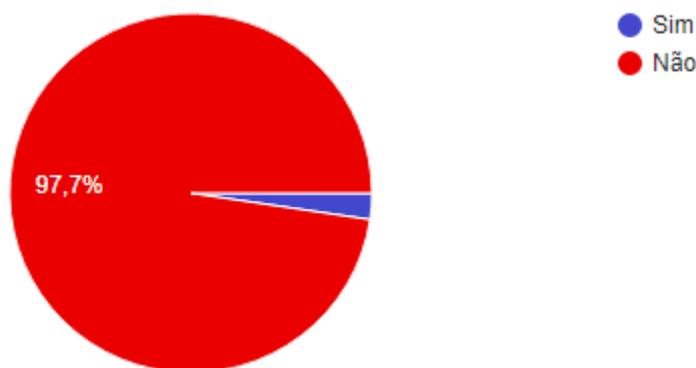


Gráfico 18 – Respondentes que usam aplicativos de segurança ou exclusivo para mulheres
Fonte: Própria (2018).

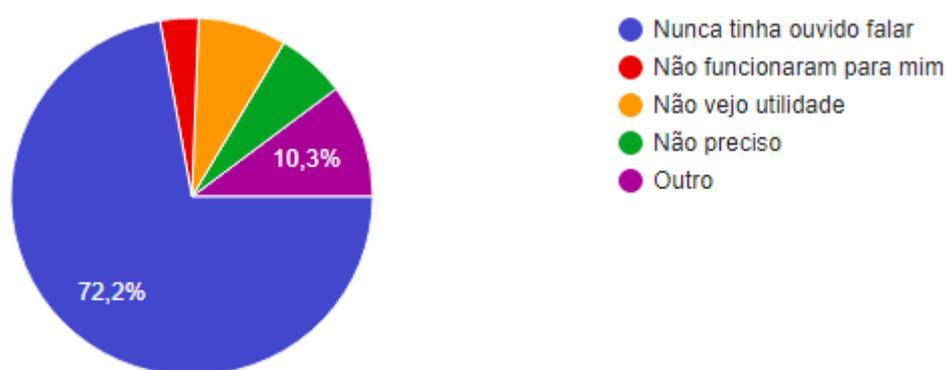


Gráfico 19 – Motivos pelos quais elas não usam aplicativos desse tipo
Fonte: Própria (2018).

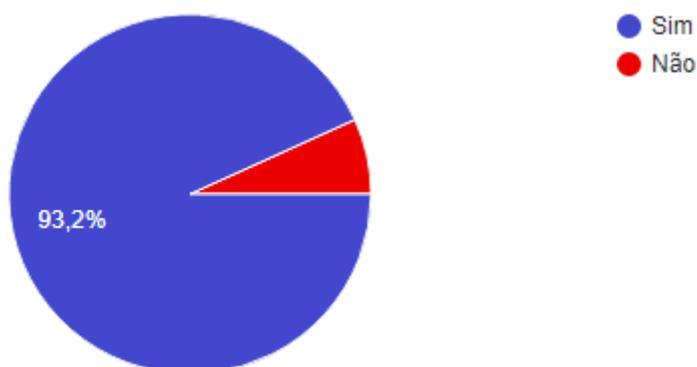


Gráfico 20 – Respondentes que estariam dispostas a usar aplicativos desse tipo
Fonte: Própria (2018).

6.2 WEKA

Como já explicado, após a fase de coleta de dados brutos, as respostas foram organizadas e filtradas. Na sequência foram lidas pelo WEKA, um *software* que faz análise de dados e identifica padrões que foi criado pela Universidade de Waikato na Nova Zelândia.

“O WEKA é um programa capaz de fazer associações nos dados para encontrar padrões. Para isso, ele lê um arquivo de extensão ARFF (*Attribute-Relation File Format* – Formato de Arquivo de Relação de Atributos) que é composto de atributos (os campos do questionário) e suas possíveis respostas seguidos pelos dados separados na ordem que os atributos foram declarados e separados por vírgula. Esse formato de arquivo é uma evolução do CSV (*Comma Separated Values* - Valores Separados por Vírgula), o diferencial é a declaração de atributos e suas possíveis respostas, desse modo o programa pode identificar respostas inválidas no conjunto de dados.” (VEIGA, Álvaro).

Optou-se por usar esse programa em específico porque ele é gratuito, fácil de encontrar e possui credibilidade de análise porque foi recomendado por um profissional especializado em inteligência artificial.

Novamente reiterando que essa parte do trabalho teve a ajuda do Álvaro Veiga, que é estudante de Ciência da Computação e soube como conduzir a análise dos resultados da melhor forma possível.

Os resultados para moradoras do Distrito Federal acima de 18 anos foram:

- 70.26% das entrevistadas já sofreram violência, sendo: 63.8% nas ruas, 43.56% em shows e festas e 35.97% em transporte público.
- Das mulheres que já sofreram violência, 25.15% foram vítimas de outras mulheres e 93.86% foram vítimas de homens.
- Os casos mais comuns de agressão por parte de outras mulheres são: ameaças (59.09%) e agressão física (41,46%).
- Os casos mais comuns de violência por parte de homens são: Assédio sexual (66.01%), ameaça (35.3%), agressão física (32.03%), atentado ao pudor (31,38%) e assalto (27.45%).
- Com relação aos meios que usam para se proteger, 58.19% não usa nenhum meio e 26.72% possuem contatos de emergência.
- Apenas 1.74% das entrevistadas usam aplicativos de segurança ou exclusivos para mulheres.
- 68.1% nunca havia ouvido falar nesses aplicativos.
- Das 31.9% que já haviam ouvido falar, 14.18% relatou que o aplicativo não funcionou para elas; 22.97% não vêem utilidade; 21.62% não precisam e 20.27% nunca experimentaram.
- 91% das mulheres que tentaram usar aplicativos exclusivos, mas que não funcionaram estão dispostas a usar o aplicativo.
- 78% das mulheres que sofreram e das que não sofreram violência estão dispostas a usar aplicativos do gênero.

- No total, 80% das entrevistadas estão dispostas a usar aplicativos desse gênero.
- Não foi encontrada relação satisfatória entre o grau de segurança que elas atribuíam para o local que moravam e o uso do aplicativo.

De acordo com os resultados, podemos perceber que embora a grande maioria dessas mulheres desconhecem aplicativos desse tipo, há uma grande abertura e aceitação para usar esse meio independente se sofreram violência ou não.

O maior empecilho listado por aquelas que já tentaram usar aplicativos desse tipo foi que eles não funcionaram para elas. Isso deve ser analisado devido à importância que eles têm, principalmente aqueles voltados à segurança.

6.3 BRAINSTORMING

Em seguida, levando em consideração a bagagem de leitura desse trabalho e os resultados da pesquisa sobre como as mulheres sentiam a violência no DF, fez-se um brainstorming com várias ideias para funcionalidades do aplicativo para a primeira versão. Elas foram escritas livremente para que a criatividade fosse o motor dessa fase.

Isso é importante para criar grande diversidade de ideias e é um dos processos que são comumente usados no Design Thinking. De acordo com Brown (2017, p.74) o brainstorming “Demonstra seu valor quando a meta é abrir uma ampla variedade de ideias. Outras abordagens são importantes para fazer escolhas, mas não há nada melhor do que uma boa sessão de brainstorming para criá-las.”

Isso faz parte da metodologia usada por Brown (2017, p.63) a qual ele chama de pensamentos divergentes e convergentes. Nessa primeira fase do Brainstorming a ideia é que as escolhas sejam expandidas, que a imaginação trabalhe livremente, para em seguida filtrar as melhores ideias e em seguida aprimorá-las. Assim, esse aprimoramento aconteceu nas mudanças da versão 1 para a versão 2 do aplicativo.

Após analisar todas as opções, as que pareceram mais interessantes e capazes de gerar resultados melhores foram separadas e testadas.

Fatores que pesaram na decisão da escolha foram os locais onde, segundo a pesquisa, a violência mais ocorria (Rua, transporte público, casa e festas/shows); os

tipos de violência mais praticados como agressão física, ameaças e assédio sexual; e ideias que levavam em consideração o poder que a informação tem para diminuir os casos de violência.

Foi criada uma lista bruta com ideias de funcionalidades diferentes, segue abaixo a lista completa:

- Lista com os principais números de emergência, ONGS, e serviços de ajuda a mulher.
- Animação que mostra “Não” na tela do celular.
- Carona entre mulheres.
- Mapa colaborativo de violência.
- GPS inteligente que mandaria um alerta de segurança caso o celular tentasse ser desligado e ativaria um alarme sonoro que só cessaria com a senha da usuária.
- Indicação de serviços e profissionais já testados por outras mulheres.
- Mostrar quais são os tipos de violência contra a mulher e direcionar para o site da delegacia da mulher ou números importantes.
- Grupos/fóruns de discussão e compartilhamento de informação sobre empoderamento e enfrentamento à violência contra a mulher.
- Grupos de apoio onde se pode postar anonimamente sobre um problema e pedir conselho.

As ideias selecionadas para teste foram: GPS, caronas, grupos/fóruns de discussão, e as indicações.

6.4 AVALIAÇÃO DOS APLICATIVOS SEMELHANTES EXISTENTES

Afim de entender quais são os aplicativos existentes no mercado voltados à segurança ou exclusivos para as mulheres e como eles funcionam, foi feita uma lista com os mais falados em sites e os que haviam sido listados pelas respondentes e estes foram testados individualmente por mim. O objetivo era entender seus pontos fortes e fracos, como funcionavam, se atendiam a demanda do público, se essas medidas eram efetivas, se cumpriam o que se propunham a fazer e se haveria alguma

dificuldade encontrada pelo usuário. Dessa maneira, esses empecilhos seriam listados e evitados no projeto de aplicativo desse trabalho.

Os aplicativos escolhidos para teste foram selecionados a partir dos nomes levantados pelo questionário e de pesquisa em sites como: Agência Brasil EBC (RODRIGUES, Léo, 2017), TecMundo (CIRIACO, 2017), Veja (AUGUSTO, 2017), Olhar Digital (2018), Catraca livre (2017), Super interessante (FERNANDES, 2016), Superela (RODRIGUES, Luisa, 2017), Canal Tech (GNIPPER, 2017), Mobizoo (GODOI, 2018), e da ONG Geledés (2014)

São eles: PLP 2.0, Musa, Malalai, Minha voz, Life 360, Clique 180, Femi Taxi, Bsafe, Aspire News, Circle of 6, My Safetipin, Lady Driver, Nushü e 99 Taxi.

Minha voz e Life 360 foram citados por uma respondente na pesquisa. Organizando os outros aplicativos por ordem de citações nos sites em questão temos:

- **Malalai:** Citado por Catraca Livre, Agência Brasil EBC, Olhar digital e Tec Mundo.
- **Clique 180:** Citado por Mobizoo, Superela, Olhar Digital e Super Interessante.
- **Bsafe:** Citado por Mobizoo, Superela, Olhar Digital e Super Interessante.
- **Femi Taxi:** Citado por Mobizoo, Superela e Canal Tech.
- **Circle of 6:** Citado por Mobizoo, Superela e Olhar Digital.
- **Lady Driver:** Citado por Catraca Livre, Canal Tech e Veja.
- **99 Taxi:** Citado por Catraca Livre, Canal Tech e Veja.
- **Aspire News:** Citado por Olhar digital e Super Interessante.
- **PLP 2.0:** Citado pela ONG Geledés.
- **Musa:** Citado por Canal Tech.
- **My Safetipin:** Citado por Super Interessante.
- **Nushü:** Citado por Catraca Livre.

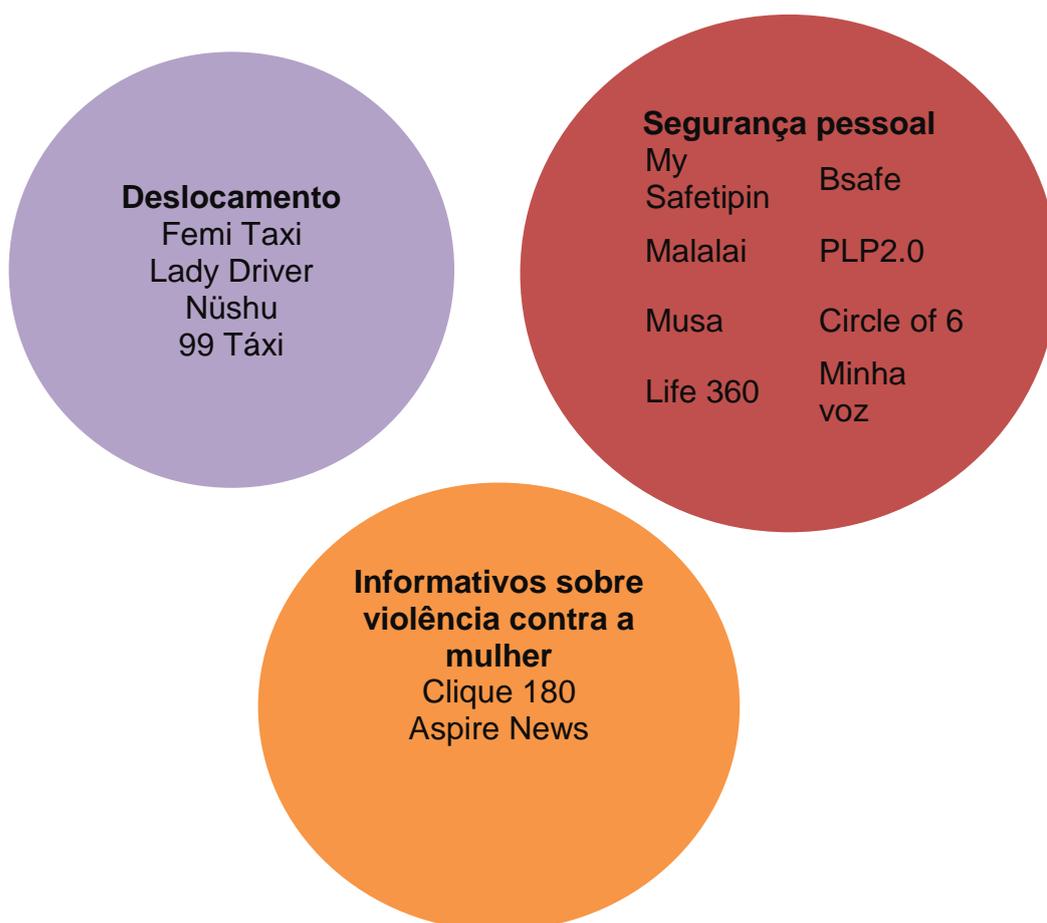
Para um melhor entendimento sobre o campo de atuação de cada aplicativo e de que maneira eles visam a segurança da mulher, estes foram separados em 3 grandes grupos: Deslocamento, Segurança pessoal e Informativo sobre violência contra a mulher.

O primeiro grupo, Deslocamento, engloba os aplicativos que oferecem serviços de transporte e locomoção, como por exemplo táxis e variações do Uber. Eles são voltados exclusivamente para o público feminino, (com exceção do Nushü que aceita meninos de até 12 anos) e as motoristas são todas mulheres. O aumento pela procura

desses aplicativos se deu principalmente pela divulgação de casos de estupro e violência contra mulheres em táxis e aplicativos como a Uber.

O segundo grupo, Segurança pessoal, trabalha com os chamados “contatos de emergência” onde a usuária registra um ou mais números de pessoas de confiança dentro do aplicativo de celular e em caso de emergência ela pode acionar um botão que enviará para os celulares dos contatos informações como sua localização através do GPS e avisos de alerta. Alguns ainda oferecem a possibilidade de gravação de áudio e vídeo, recursos que mostram a localização da usuária em tempo real e mapas com os pontos mal iluminados ou sem muito tráfego de pessoas.

Por fim, o terceiro grupo trata-se de aplicativos em que as mulheres podem se informar sobre o que é violência e alguns deles trazem uma espécie de mural em que ela pode publicar sua história. A proposta do Clique 180, por exemplo, é mostrar onde ficam as delegacias da mulher mais próximas, traz um conteúdo sobre o que se enquadra como violência contra a mulher e foi feita em parceria entre vários órgãos governamentais brasileiros



Para testá-los foram usados dois aparelhos móveis: um Iphone 7 com o sistema operacional IOS 11.1.2 (15B202) e um Sony Xperia com o sistema operacional Android 4.4.4 ambos com a última atualização existente para aquele modelo de celular até a data do trabalho em questão. Eles foram avaliados por cerca de 2 semanas.

Optou-se por usar esses dois sistemas operacionais pois, de acordo com Ciriaco (2017) conforme mostra a tabela eles eram responsáveis por 99.7% de todo o mercado de aparelhos móveis no ano de 2017.

Period	Android	iOS	Windows Phone	Others
2016Q1	83.4%	15.4%	0.8%	0.4%
2016Q2	87.6%	11.7%	0.4%	0.3%
2016Q3	86.8%	12.5%	0.3%	0.4%
2016Q4	81.4%	18.2%	0.2%	0.2%
2017Q1	85.0%	14.7%	0.1%	0.1%

Source: IDC, May 2017

Gráfico 21 – Uso dos sistemas operacionais em dispositivos móveis
 Fonte: TecMundo (2017). Acessado dia 30/05/2018.

Femi Taxi

Pontos positivos

- Funciona em Brasília;
- Recebeu diversos comentários positivos em sua página na App Store e Google Play. Embora ainda não esteja tão consolidado em Brasília, através dos relatos é possível inferir que teve uma boa aceitação e funciona corretamente nas cidades em que está inserido.

Pontos negativos

- O preço da corrida é bem mais caro do que aplicativos como o Uber, por exemplo;

- Em Brasília, que é o foco do trabalho, há poucas motoristas disponíveis, o que aumenta consideravelmente o tempo de espera e dependendo do horário não há ninguém para fazer a corrida.

Lady Drive

Pontos positivos

- É o único aplicativo que pede o CPF e realmente consulta no site da Receita Federal para saber se ele é válido ou está ativo, o que indica a preocupação que ele tem com a segurança tanto dos usuários como das motoristas.

Pontos negativos

- Mesmo ele aceitando cartão de débito ou dinheiro, é obrigatório cadastrar um cartão de crédito;
- Ele ainda não está disponível para a região de Brasília, porém esse fato só é descoberto após passar por todo o processo de cadastro e tentar solicitar uma corrida.

Nüshu

Pontos positivos

- A interface dele é intuitiva e direta. Os botões são autoexplicativos e não necessita abrir várias páginas para alcançar a funcionalidade desejada.

Pontos negativos

- O aplicativo obriga a colocar um número de telefone fixo, o que, mesmo que para um público menor, pode significar um empecilho na hora do cadastro;
- Assim como o Lady Driver, ele não é aceito em Brasília e esse fato só é revelado após a tentativa de marcar uma corrida;
- Baixa segurança no sentido de que eles aceitam um CPF que foi retirado de um gerador automático usado na área de tecnologia para testes de softwares em desenvolvimento.

99 Taxi

Pontos positivos

- Cadastro rápido. Os dados necessários foram nome e sobrenome, email, senha e telefone. Diferentemente dos outros aplicativos de

deslocamento que pediam também dados como CPF, RG, endereço, complemento, cep, bairro, cidade, UF, e data de nascimento;

- Presença de verificação por código enviada através do número de celular cadastrado;
- Dos aplicativos testados é o que conta com a maior frota de carros disponíveis, porém vale lembrar que ele não é exclusivo para mulheres, mas promete a opção para elas escolherem uma motorista.

Pontos negativos

- A opção por motoristas mulheres só estaria disponível para a alternativa Táxi, que é mais cara que a Pop (quase o dobro do preço), e ainda assim ela não funcionou para mim no período testado. A aba “opcionais” onde deveria ter essa opção, só contava com duas possibilidades: nenhum opcional ou carro acessível.

My Safetipin

- O aplicativo tem uma proposta interessante, mas não está disponível em português e o Brasil não faz parte das cidades abrangidas por ele, as chamadas “Safetipin Cities” de modo que ele não funciona por aqui. O objetivo dele é calcular a rota mais segura levando em consideração aspectos colocados pelos usuários como iluminação, visibilidade, transporte e tráfego de pessoas além de permitir o rastreamento por GPS, porém por não ter a opção de denunciar uma postagem e não ser obrigatório escrever sobre o que te incomodou ou não naquele local, alguns usuários colocam fotos e relatos que não condizem com a proposta do aplicativo o que deixa as informações apresentadas sem credibilidade. Um exemplo são os usuários que postam *selfies* dentro de casa dizendo como eles estão se sentindo naquele momento.

Malalai

Pontos positivos:

- Explicação breve das funcionalidades do aplicativo e como usá-las o que facilita quando se usa o aplicativo pela primeira vez;
- Obriga que se cadastre pelo menos um contato de emergência antes de começar a usar o aplicativo, o que é bom para casos em que o usuário se esqueça de adicionar alguém;

- Possibilidade de clicar em pontos da rota para que o contato de emergência seja notificado quando se passar por ele.

Pontos negativos

- Disponível apenas para Android;
- Apenas um dos três contatos de emergência recebe compartilhamento de rota, o que considero ser um número baixo, pois se a pessoa precisar de ajuda, os três contatos escolhidos deveriam ter acesso à informação;
- Ele só funciona com o Bluetooth ligado o que acaba consumindo mais bateria do celular;
- O botão de compartilhar rota com o contato de emergência, devido a algum erro do aplicativo, fica parcialmente escondido debaixo do horário de chegada;
- Embora eu tenha solicitado que meu contato de emergência acompanhasse o trajeto, ele não recebeu nenhuma notificação;
- Não aparece escrito em nenhum lugar e não é notificado a necessidade dos contatos de emergência terem o aplicativo baixado para verem o trajeto do usuário.

Musa

Pontos Positivos

- Não foi encontrado nenhum ponto positivo que mereça destaque.

Pontos negativos

- Só está disponível para Android;
- Baixo nível de segurança: O nome e o CPF colocados na hora do cadastro foram falsos e retirados de um gerador de CPF usado na área de tecnologia para testar softwares em desenvolvimento e foram aceitos no aplicativo;
- O botão de emergência leva a outra tela onde a usuária ainda tem que preencher que tipo de violência está sofrendo e se o agressor está armado, o que não faz sentido em casos de urgência;
- O pedido de socorro é facilmente cancelável, basta clicar no botão “alerta atendido”;
- Os contatos de emergência só funcionam se um outro aplicativo da empresa for baixado também, porém após feito o download do Anjo da Guarda, este não

aceita o cadastro. A tela ficou carregando por mais de 20 minutos o que inviabilizou o teste completo deste app.

Bsafe

Pontos positivos

- Proteção por PIN que faz com que outras pessoas que não tenham uma senha não possam desativar alguma funcionalidade do aplicativo como por exemplo o botão de emergência e o gps;
- Gravação de 10 segundos de vídeo e som;
- Opção de comentários dentro do app para perguntas, sugestões e elogios.

Pontos negativos

- Não funcionou para Android até a data do presente trabalho;
- A tela inicial e suas principais funcionalidades estão em inglês e isso pode ser um empecilho para quem não sabe o idioma mesmo que todas as opções do botão lateral estejam em português;
- Devido ao acréscimo do número 9 nos números de telefone do Brasil, o aplicativo não consegue enviar o vídeo e nem ligar para os contatos de emergência por considerar o dígito a mais como inválido;
- O aviso sonoro de emergência dura pouco tempo e o vídeo só pega a câmera traseira do celular;
- Em alguns casos ele também não conseguiu pegar a localização do usuário no momento em que foi acionado o botão de emergência.

Circle of 6

Pontos positivos

- Envia corretamente uma mensagem de texto para os seus contatos de emergência através de SMS;
- A mensagem chega rápido;
- Aceita o número com dígito a mais do Brasil;
- Envia sua localização em caso de emergência.

Pontos negativos

- Disponível somente em inglês;
- Não rastreia sua localização em tempo real;

- Na funcionalidade que envia sua localização a mensagem padrão é para que o contato de emergência avise quando estiver chegando. Em alguns casos isso poderia ser perigoso, sendo que talvez fosse melhor pedir para enviar um carro da polícia ou ambulância até o local.

PLP2.0

- O aplicativo em questão embora seja de proteção para mulheres que sofrem com a violência, não foi analisado por estar limitado regionalmente à residentes de Porto Alegre que possuem medida protetiva e necessitar de uma senha liberada pelo Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul. Embora seja um aplicativo que prometa funcionalidades muito relevantes para o combate da violência, uma breve lida nos comentários mais atuais revela que as usuárias não conseguem acessá-lo porque mesmo tendo medida protetiva não conseguem encontrar o código ou não conseguem acessá-lo.

Minha voz

- O aplicativo não foi encontrado para ser baixado nem na App Store e nem na Play Store e dessa forma não pode ser analisado. A ideia dele, de acordo com sua página de financiamento coletivo no Catarse (2016) parece ser bem parecida com a proposta do Malalai. Ele usaria o GPS para rastrear o usuário e enviaria uma mensagem para os contatos de emergência caso ocorresse algum problema, O mapa também seria interativo e as mulheres poderiam marcar pontos perigosos, mal iluminados entre outras coisas.

Life 360

- É na verdade um aplicativo de segurança familiar. Nele você pode adicionar pessoas da sua família e sempre olhar no mapa onde elas estão e recebe notificação de quando elas chegam em algum lugar e nível de bateria. Na versão paga do aplicativo eles prometem também avisar se a pessoa está dirigindo acima do limite da via ou se está usando o celular enquanto dirige.

Pontos positivos

- Ele está disponível para Android e IOS;
- Não apresentou nenhuma falha de funcionamento;
- Tem uma funcionalidade para ligar direto para a polícia.

Pontos negativos

- O botão de emergência dele fica mais escondido, o que dificultaria mandar uma notificação em casos mais urgentes;
- Após enviar o alerta não aparece nenhuma mensagem de que seus contatos receberam a notificação e nem de que o alarme está ativo ou não e se ele desativa sozinho.

Clique 180

Pontos positivos

- O nome do aplicativo e a tela inicial ficam mascaradas de forma que se o agressor tiver acesso ao celular da mulher, as chances de ele desconfiar de algo são minimizadas. Para sair da tela falsa basta clicar 4 vezes seguidas na tela ou balançar o dispositivo móvel;
- É bem educativo no sentido de que ele explica sobre como proceder no caso de ser vítima de violência, o que a caracteriza e como se enquadra perante a lei;
- Canal direto que faz ligação para a Central de Atendimento à mulher

Pontos negativos

- Só funciona para Android;
- O mapa colaborativo que deveria informar sobre os locais em que foi registrado casos de violência não funciona. Uma mensagem aparece dizendo para checar sua conexão com a internet, mesmo que ela esteja funcionando. O recado continua aparecendo na tela do celular mesmo após sair da página do aplicativo;
- Os locais de atendimento à mulher também não aparecem no mapa e uma mensagem diz que existem 0 unidades encontradas.

Aspire News

- Embora os sites pesquisados diziam que ele estava disponível para Android e IOS na época, atualmente ele não foi encontrado impossibilitando sua avaliação.

7 PRODUTO

De início a ideia do aplicativo era ser exclusivo para mulheres, mas o projeto foi modificado em partes porque houve o entendimento de que para que haja uma mudança positiva em relação à violência contra a mulher é necessário que mais pessoas, e não só as mulheres, se engajem nisso.

Dessa forma, o público alvo ainda continua sendo as mulheres, mas o conteúdo publicado na biblioteca e a leitura das avaliações poderão ser acessado por todos.

Para manter o aplicativo seguro por dentro, principalmente nas fases de teste posteriores ao seu desenvolvimento, o acesso a ele, com todas as funcionalidades, será por meio dos convites que serão exclusivos para mulheres. Cada usuária possui um número de convite que muda de tempos em tempos e ela pode repassar esse número para novas mulheres se cadastrarem. Para quem não tem o convite o acesso estará liberado, como já foi falado, no conteúdo publicado na biblioteca e a leitura das informações.

Isso é importante para assegurar que o aplicativo estará funcionando corretamente e que as devidas medidas de segurança foram tomadas antes que se possa aceitar o público em geral.

Os três pilares de embasamento do aplicativo são: Proteger, Informar e Promover mudanças. As funcionalidades respectivas de cada um são: “ajuda”, “biblioteca” e “avaliação”, as quais serão explicadas em detalhes na parte da Segunda Versão.

O design do aplicativo é limpo e minimalista com botões claros. Todo o seu desenho foi pensado para que o usuário não se sinta perdido ou sem saber o que fazer quando estiver usando ele. Para isso foi levado em consideração a principal lei de usabilidade defendida por Krug (2014), que é: Não me faça pensar:

“Isso significa, por exemplo, que, quando examino uma página web, ela deve ser evidente por si só, autoexplicativa, tanto quanto humanamente possível. Eu devo ser capaz de entendê-la – o que é e como usá-la – sem ter de me esforçar para isso” (KRUG, 2015, p.9)

Para isso foram usados ícones simples, amigáveis e autoexplicativos para as funcionalidades; os botões escritos foram nomeados de forma simples e direta, o conteúdo clicado muda de cor para deixar em evidência o que está sendo selecionado;

A barra inferior de opções deixa todas as principais funcionalidades a poucos cliques de distância; evitou-se o uso de muitas coisas escritas, mas foi criado um botão de informações que no caso de dúvida o usuário pode sempre consultar lá e vários cortes foram feitos da versão 1 para a 2 de modo a deixar a página menos carregada de ruído visual.

7.1 NOME E TIPOGRAFIA

Inicialmente havia várias propostas de nome para o aplicativo, mas três pareciam combinar melhor com sua proposta. O primeiro foi Owl, que é coruja em inglês e é uma ave reconhecida pela sua capacidade de enxergar ao seu redor e é o símbolo da sabedoria e dessa forma estaria relacionada com a proposta de segurança e informação do aplicativo. Porém foi descartada pela diferença linguística, para se priorizar um nome em português. O segundo nome considerado foi Mana, diminutivo de irmã e que é usado em alguns grupos feministas para representar a sororidade entre as mulheres. Por fim, o terceiro, que era Girassóis e foi o nome escolhido para o aplicativo.

Após uma pesquisa visual de cartazes e artes que representavam mulheres, sua força e sororidade percebeu-se que um elemento muito presente eram as flores, sendo colocadas de maneira decorativa ou até mesmo representando as próprias mulheres.

Além de ser uma flor, o Girassol é uma planta que traz muita simbologia, inclusive alguns aspectos do Sol, que está presente no próprio nome. A flor é reconhecida pela sua força e resistência mesmo em climas ruins e é uma inflorescência, que é a união de várias flores em uma só.

Segundo o Dicionário de símbolos o sol é um símbolo que remete à vida, luz, força e reflete a esperança. Pode-se pensar como uma metáfora para jogar luz sobre os problemas (que é a violência contra a mulher) e a tentativa de encontrar soluções.

A fonte escolhida para o nome do aplicativo nos desenhos das telas foi a Remachine Script que é gratuita para uso pessoal, e custa 29 euros para uso comercial. Levando em consideração que o projeto gráfico do aplicativo usou predominantemente formas femininas, curvas e fluidas, optou-se pelo emprego de uma fonte estilo manuscrita e bem curvilínea.

Girassóis (Fonte Blenda Script Regular)

Girassóis (Fonte Remachine Script)

Girassóis (Fonte Lobster)

Girassóis (Fonte Lakesight)

Imagem 1 – Teste em diferentes tipografias para o nome do aplicativo e descrição na fonte Helvetica. Fonte: Própria (2018).

Dentro do aplicativo a fonte usada para montar as telas foi a Helvetica Neue Regular e Bold. A Helvetica foi a fonte padrão do sistema operacional da Apple por anos e atualmente é facilmente encontrada na Internet. O IOS da Apple mudou desde 2015 para a fonte San Francisco, feita pela própria empresa.

A mudança da Apple foi, segundo ela, por questões de legibilidade, mas ambas as fontes são tipografias limpas, sem serifa, e o uso da Helvetica Neue nos desenhos das telas também ofereceu uma boa legibilidade.

7.2 ÍCONE PARA O APLICATIVO

O ícone do aplicativo tem que trazer de forma imagética a essência dele. O desafio aqui foi tentar incorporar, de maneira metafórica, em um desenho, elementos que remetessem à colaboração entre as mulheres, à ideia de segurança e ao nome Girassóis.

O Girassol, o sol e o símbolo da mulher são símbolos circulares. A ideia simbólica que o círculo passa traz dinamismo, movimento e suas curvas estão ligadas ao feminino. São símbolos reconfortantes “Eles oferecem segurança e conexão. Círculos sugerem comunidade, integridade e perfeição.” (Portal do

Marketing, 2014). Deste modo optou-se pelo uso do círculo como forma base primária.

O movimento da mudança (mudar essa realidade de violência contra a mulher), que começa pequeno e ganha potência é reforçado pela ideia de união das pétalas do Girassol, que são dinâmicas e vão crescendo de dentro para fora.

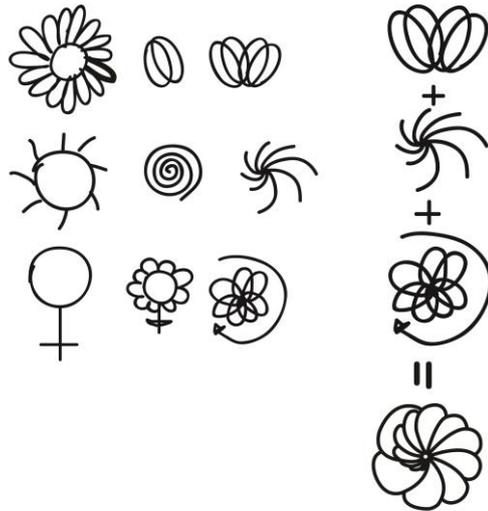


Imagem 2 – Esboços do processo de criação do ícone do aplicativo Girassóis
Fonte: Própria (2018).

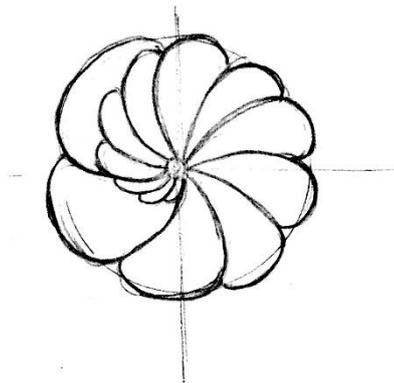


Imagem 3 – Esboço do ícone aplicativo Girassóis
Fonte: Própria (2018).



Imagem 4 – Versão final do ícone aplicativo Girassóis
Fonte: Própria (2018).

7.3 PALETA DE COR

Seguindo as tendências do Design de 2017 (YAMASHIRO, 2017), optou-se pelo uso do gradiente das cores turquesa (HEX 138d90) e amarelo (HEX ffb74c) para a identidade visual. A cor turquesa foi usada porque passa segurança, tranquilidade e confiabilidade, sentimentos necessários para um aplicativo que tem como proposta o combate à violência, especificamente contra a mulher. Já a cor amarela remete à cor do sol e dos próprios girassóis.

Sendo turquesa uma cor fria e calma, e o amarelo uma cor quente e ativa, o gradiente suaviza a junção dessas duas cores oferecendo harmonia e equilíbrio.

7.4 PRIMEIRA VERSÃO

Após inúmeros rascunhos de telas, chegou-se ao desenho das telas da primeira versão do aplicativo e as funcionalidades iniciais que seriam:

- GPS inteligente que mandaria um alerta de segurança, tiraria fotos e gravaria áudio caso o botão de desligar o celular fosse pressionado por mais de 1,5 segundos e ativaria um alarme sonoro que só cessaria com a senha da usuária;
- Carona entre mulheres para aquelas que voltam tarde do trabalho ou moram em áreas mais perigosas;
- Fóruns de dúvidas sobre violência contra a mulher onde outras usuárias poderiam responder;
- Indicações de serviços já testados por outras mulheres.

Devido à falta de tempo foram escolhidas três mulheres próximas com idades diferentes sendo: 22, 61 e 37 anos para opinarem sobre as funcionalidades escolhidas e foram encontrados inúmeros problemas.

As opiniões foram levadas em consideração, ponderadas e algumas coisas foram arrumadas ou trocadas para a segunda versão do aplicativo. Como nenhuma das participantes queria ter sua identidade revelada, foi usado como nomenclatura para divulgação nesse trabalho: “Mulher 1”, “Mulher 2” e “Mulher 3”, com as idades respectivas citadas anteriormente.

Com relação ao GPS, a mulher 1 e a mulher 3 apontaram que mesmo que o botão de emergência estivesse em todas as páginas do aplicativo, dificilmente haveria tempo de acioná-lo, e, em alguns casos o celular em vez de desligado manualmente poderia ter a bateria arrancada, o que inutilizaria o aparelho que não enviaria a mensagem de alerta para ninguém e nem teria alarme sonoro.

A mulher 2 ponderou que a carona entre mulheres seria muito complicada, que não há nenhuma forma de garantir tanto a segurança da motorista quanto da passageira, já que seriam duas ou mais estranhas no mesmo veículo e poderiam sim ocorrer agressões por mulheres de má-fé.

As mulheres 2 e 3 por um lado acharam legal a ideia dos grupos e fóruns de informação sobre violência contra a mulher, mas alertam que essa funcionalidade pode ficar muito bagunçada e haver perda de informação se o fluxo de mensagens fosse muito grande. A mulher 2 também salientou de que em grupos de Whatsapp com mais de 80 pessoas as informações se perdem, e dessa maneira não daria certo se ele fosse englobar as mulheres da cidade inteira.

As indicações de serviços foi a funcionalidade mais criticada. As três mulheres afirmaram que essa medida poderia dar a entender que o objetivo era criar uma bolha em torno da mulher de modo que não seriam os serviços que melhorariam e tratariam a mulher com o devido respeito, mas a mulher que teria que se ilhar para evitar casos como esses e isso é contra a liberdade.

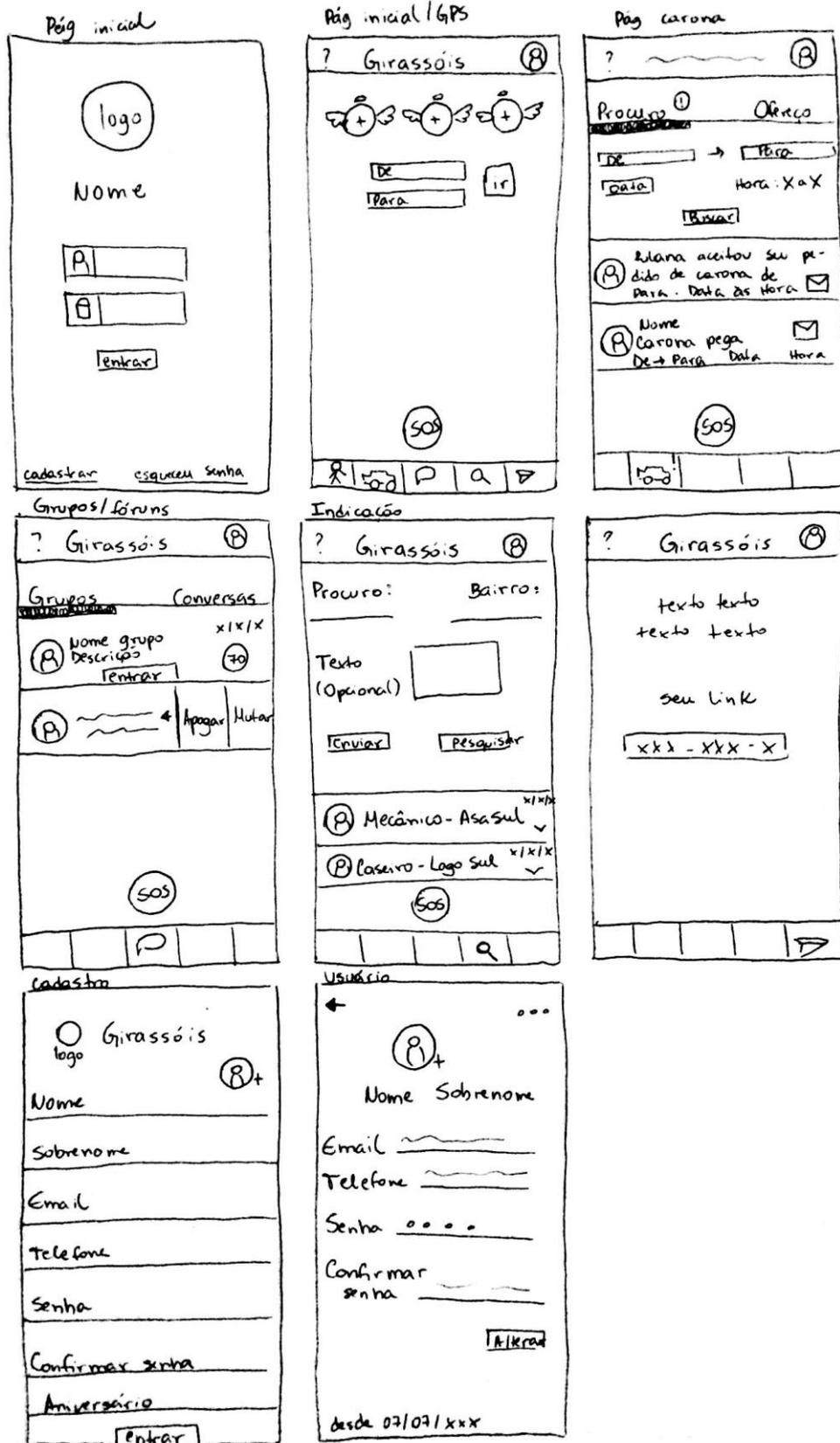


Imagem 5 – Esboços primeira versão do aplicativo
 Fonte: Própria (2018).

7.5 SEGUNDA VERSÃO

7.5.1 Modificação Botão SOS e Função de GPS

Após a revisão da primeira versão foram feitas alterações no projeto. O botão de SOS dentro do aplicativo, que ativaria o alerta enviado para os contatos de emergência cadastrados da usuária e para mulheres por perto foi retirado. Percebeu-se que em casos mais urgentes ele realmente não conseguiria ser pressionado.

Com relação a identificar que o dispositivo móvel está tentando ser desligado, o aplicativo não funcionaria porque a programação dos próprios celulares prioriza o desligamento e coloca os aplicativos em espera.

A solução encontrada foi criar um sistema de reconhecimento de voz inteligente que funcionaria em segundo plano, mesmo com o celular bloqueado. A usuária cadastraria alguma palavra, que seria sua senha de voz, que, se usada por ela seria reconhecida pelo aplicativo e este notificaria os contatos de emergência dela e as mulheres próximas para chamarem a polícia, além de tirar fotos automaticamente e gravar os áudios para servir de prova, se necessário. Essa funcionalidade trabalharia mesmo com o dispositivo bloqueado e é viável em celulares com sistema operacional Android, porém quanto ao IOS isso ainda está sendo estudado.

Outra coisa que se percebeu da versão 1 para a versão 2 é o fato de poder usar os botões de volume para mandar alertas mais específicos. Quando aberto ele conseguiria identificar uma sequência de toques, interpretar e enviar as notificações. Dessa maneira houve a possibilidade de enfrentar também casos de assédio.

Se uma usuária, infelizmente sentisse que precisa de ajuda para lidar com algum tipo de assédio que está vivenciando naquele momento, ela pode tentar pedir ajuda para alguma outra usuária que está a menos de 100 metros dela. Ao manter pressionado o botão de volume por 5 segundos, seria enviada uma notificação para outras mulheres com uma foto e aconselhando para que elas olhem ao redor, e, se possível ajudem. Também seria advertido que essas não seguissem ou entrassem em lugares perigosos e suspeitos visando a própria segurança delas.

Assim sendo, a funcionalidade chamada de GPS que antes era apenas um melhoramento da função de acompanhante virtual feita com base nas avaliações dos aplicativos existentes, se tornou realmente uma ferramenta de apoio entre mulheres. A troca de nomenclatura se fez necessária, e essa nova funcionalidade foi chamada de “Ajuda” e o ícone são duas pessoas apoiando uma a outra.

7.5.2 Modificação dos Fóruns

Na versão 1 a funcionalidade Fóruns, dependendo da quantidade de pessoas ativas, realmente ia acabar ficando muito confusa pelo fluxo de mensagens e duas coisas poderiam acontecer: as informações seriam facilmente sobrescritas por novas mensagens e/ou muita gente questionando coisas que já haviam sido ditas por perder ou não ver os recados.

Essa função ganhou novo formato, nomeado de “biblioteca” que é separada em seções: Livros, Filmes, Música, Projetos e Outros (como políticas públicas e procuradorias especiais) onde as usuárias podem contribuir adicionando ao acervo respectivo coisas que ajudem a entender sobre a violência contra a mulher e eles ficarão disponíveis para quem se interessar por meio de link ou baixados no aplicativo. Dessa forma ficaria mais organizado e é um jeito de disseminar conhecimento, conscientizar, e de dar visibilidade para o que está sendo produzido. Seu ícone é uma estante com livros.

A biblioteca também teria uma parte de Utilidade Pública com informações que possam ser úteis para vítimas de violência. Por exemplo: os centros e atendimento psicológico gratuitos ou acessíveis, números de emergência e o número do Tamo Juntas que é um coletivo de advogadas que orientam e defendem mulheres vítimas de violência.

7.5.3 Modificação das Indicações

A funcionalidade “Indicações” que na versão 1 servia para as mulheres pedirem sugestões de profissionais e serviços à outras usuárias e dessa maneira ter mais segurança na hora de fazer sua escolha foi entendida como uma forma de tirar a liberdade dela fazendo com que ela viva em uma bolha. A ideia do aplicativo Girassóis não visa de forma alguma intencionalmente fazer apologia disso e dessa maneira a funcionalidade “Indicações” foi mudada para “Avaliações” que permite à usuária opinar sobre estabelecimentos de forma positiva ou de forma negativa e relatar a violência que sofreu.

Nas experiências negativas, será solicitado que ela deixe uma sugestão de como eles podem melhorar ou quais atitudes deveriam tomar. As avaliações serão mensalmente compiladas em um documento e enviadas para os estabelecimentos que possuem email ou whatsapp vinculados ao banco de dados do Google Maps.

Para aqueles que não possuem, as usuárias poderão preencher um campo com a forma de contato do respectivo estabelecimento assim como adicionar novos locais. Dessa maneira a ideia é que as avaliações e sugestões das usuárias cheguem ao seu destinatário e que esse, em casos de opiniões negativas tente melhorar e seja um agente de mudança no combate à violência contra a mulher. O ícone dessa função é uma caneta escrevendo no papel.

7.5.4 Função Carona

A função carona não vai existir nessa versão, mas pode aparecer futuramente a depender do nível de aceitação que ela terá e do estudo mais aprofundado de questões de segurança que envolvem tanto a motorista quanto a passageira.

7.5.5 Desenho das Telas



Imagem 6 – Primeira versão tela de cadastro
Fonte: Própria (2018).



Imagem 7 – Versão final tela de cadastro
Fonte: Própria (2018).



Imagem 8 – Tela entrar
Fonte: Própria (2018).



Imagem 9 – Tela de cadastro
Fonte: Própria (2018).

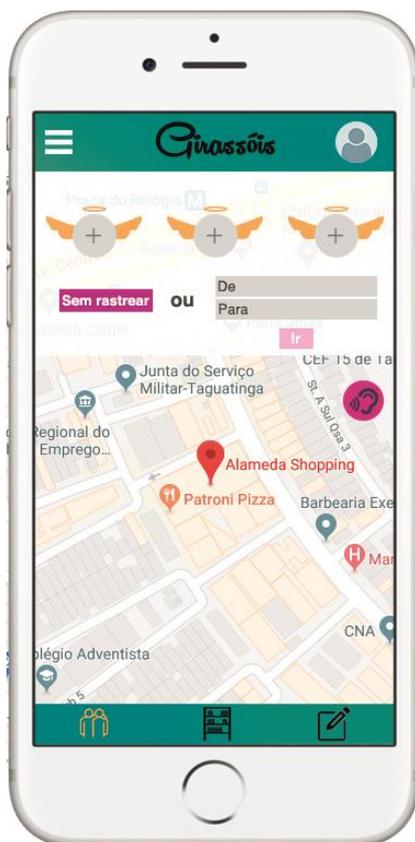


Imagem 10 – Tela Ajuda
Fonte: Própria (2018).



Imagem 11 – Tela Biblioteca
Fonte: Própria (2018).



Imagem 12 – Tela Avaliação
Fonte: Própria (2018).



Imagem 13 – Tela Configurações
Fonte: Própria (2018).



Imagem 14 – Tela usuário
Fonte: Própria (2018).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em primeiro lugar, devido à diversidade do que é entendido como violência contra a mulher e como ele ocorre, certamente o aplicativo não tinha como enfrentar todas as situações que são abrangidas por essa nomeação, ficando restrito somente a algumas delas.

A escolha de abordar violência como sendo: estupro, assédio sexual, ameaça, atentado ao pudor, assalto e agressão física foi uma maneira de fazer um recorte nesse universo tão amplo e trabalhar com as formas de violência que eram mais relatadas nas pesquisas de órgãos oficiais utilizadas de base desse trabalho.

Visando responder o problema de pesquisa que era: Como incluir e mobilizar a sociedade no combate à violência contra a mulher fazendo uso de uma plataforma que seja acessível, de fácil compreensão, colaborativa e que trouxesse mais segurança para as mulheres, optou-se pela exploração do potencial do aplicativo como meio de desenvolvimento do projeto.

Para validar essa ideia, comprovou-se que mais da metade da população brasileira tem um smartphone e são usuários assíduos de aplicativos, afirmando até que preferem gerenciar suas vidas através deles. Além disso, os dispositivos móveis se fazem muito presentes no dia-a-dia do usuário e são o principal meio de acesso à internet, já ultrapassando o computador.

Dessa maneira, explorar esse formato é também pensar em um produto que estará sempre perto do usuário, seja de fácil alcance, e com uma boa gama de funcionalidades que podem ser exploradas.

Questões como a inclusão de menores de idade e a futura expansão do aplicativo para outras cidades não foram possíveis de abordar nesse trabalho, mas fazem parte dos projetos posteriores de desenvolvimento do aplicativo.

Por meio de processos ligados ao Design Thinking como: brainstorming, insight e testes, juntamente com sondagem de opinião das usuárias, e as regras de usabilidade foi possível trabalhar e melhorar as funcionalidades do aplicativo para a segunda versão.

Embora inicialmente a ideia do aplicativo era ser exclusivo para mulheres, o entendimento sobre o poder de transformação que a informação tem e de que é preciso o engajamento de mais pessoas nessa causa e não apenas das mulheres, foi crucial para que ele perdesse esse caráter restrito e estivesse, pelo menos em parte,

disponível para outras pessoas.

Muitas foram as dificuldades encontradas para fazer esse produto e tentou-se da melhor forma, com o tempo e os recursos disponíveis, apresentar um projeto piloto de aplicativo para dispositivos móveis de enfrentamento à violência contra a mulher.

A leitura e extração de dados da pesquisa aplicada foi sem dúvida uma das partes que mais teve empecilhos e embora houveram bons resultados, para pesquisas futuras optar-se-ia por questões fechadas como de múltipla escolha, sim ou não e/ou escala numérica. A automatização da leitura desses dados economizaria tempo e provavelmente teria evitado o problema do relatório bagunçado gerado pelo Google Forms.

A avaliação do protótipo, se mostrou uma prática muito benéfica e foi através dela que os erros da primeira versão foram percebidos. Porém, a avaliação da versão final até o fechamento desse trabalho não pôde ser realizada, mas é algo que se pretende fazer posteriormente.

Por fim, a ideia do aplicativo era ser gratuito inicialmente, de modo que isso contribuísse para que mais mulheres pudessem ter acesso a ele, porém no decorrer do trabalho foram encontrados os empecilhos financeiros que são: as taxas de licença desenvolvedor para Android e IOS, os preços do servidor e do Google Maps e talvez outros que não foram descobertos ainda.

Embora a taxa para Android só seja paga uma vez (25 dólares), a de IOS custa 99 dólares todo ano, o que é um valor alto para ser arcado sem ajuda. Dessa maneira, três soluções foram encontradas: colocar um espaço para propaganda dentro do aplicativo, tornar o aplicativo pago ou cobrar uma pequena mensalidade por ele.

O problema do primeiro é que usar propaganda como forma de financiamento deixa visualmente poluído, torna o aplicativo pesado porque tem que baixar dados de propaganda de tempos em tempos e também o fato de que obrigar o usuário a clicar em uma delas a cada período de tempo ou a cada quantidade de ações é uma prática que pode ser considerada inconveniente. Pessoalmente falando, normalmente eu paro de usar aplicativos desse tipo porque é cansativo ser obrigada a ver propaganda e ter de esperar até 30 segundos para poder voltar a usá-lo.

Com relação ao segundo e ao terceiro, 30% do montante do valor arrecadado fica com a Apple e a Google e uma pesquisa da Opinion Box, divulgada pelo Olhar Digital (2015) feita com 1280 usuários, afirma que os Brasileiros não gostam de pagar

por aplicativos e somente 15% deles pagariam por um. A falta de interesse e visão de que o aplicativo valha a pena é o principal motivo listado para esse posicionamento. Porém, em uma visão mais otimista, como o aplicativo desse trabalho traz um peso de importância social, talvez isso seja a faísca necessária para que os usuários desembolsem uma pequena quantia, como é o caso do Whatsapp, que é pago.

Dessa maneira, e principalmente levando em consideração as questões financeiras, ainda é muito cedo para afirmar que tal projeto consiga progredir em terras Brasileiras, mesmo que a princípio tivesse uma boa receptividade por parte das mulheres entrevistadas.

Por fim, seria necessária uma outra sondagem, ou talvez pensar em outras formas de arrecadar dinheiro, como oferecer uma versão gratuita limitada e só disponibilizar todos os recursos através da compra ou mensalidade do aplicativo ou ainda em financiamentos coletivos. Ambos também com seus obstáculos a serem ponderados.

9 REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **Sejamos todos feministas**. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

APP ANNIE. **Spotlight on consumer app usage**: part 1, 2017. Disponível em: <http://files.appannie.com.s3.amazonaws.com/reports/1705_Report_Consumer_App_Usage_EN.pdf>. Acesso em: 15 maio 2018.

AUGUSTO, T. Cresce procura por apps de transporte com motoristas mulheres. **Veja**, 2017. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/economia/cresce-procura-por-apps-de-transporte-com-motoristas-mulheres/>>. Acesso em: 2 jun. 2018.

BORGES, N. Brasil lidera assédio de mulheres em espaço público. **ActionAid**, 2016. Disponível em: <<http://actionaid.org.br/noticia/brasil-lidera-assedio-de-mulheres-em-espaco-publico/>>. Acesso em: 7 abr. 2018.

BROWN, T. **Design thinking**: uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017.

CÂMARA, J. Em pesquisa da ActionAid, 86% das brasileiras ouvidas dizem já ter sofrido assédio em espaços urbanos. **ActionAid**, 2016. Acesso em: 3 maio 2018.

CAMPOLINA, T. Violência contra as mulheres: como podemos combater? **Forum**, 2016. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/25-de-novembro-pela-eliminacao-da-violencia-contra-as-mulheres/>>. Acesso em: 1 maio 2018.

CAMPOS, J.; GRIGORI, P. Violência contra a mulher: fins de semana são dias com mais ocorrências. **Correio Braziliense**, 2017. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2017/07/15/interna_cidad_esdf,609909/violencia-contra-a-mulher-fins-de-semana-sao-dias-com-mais-ocorrencia.shtml>. Acesso em: 16 abr. 2018.

CATRACA LIVRE. **Lista de aplicativos de transporte exclusivos para mulheres**, 2017. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/lista-de-aplicativos-de-transporte-exclusivos-para-mulheres/>>. Acesso em: 1 jun. 2018.

CIRIACO, D. Android cresce, iOS diminui e Windows Phone quase some, aponta relatório. **Tecmundo**, 2017. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/dispositivos-moveis/119411-android-ios-windows-phone-mercado.htm>>. Acesso em: 30 maio 2018.

CIRIACO, D. App colaborativo brasileiro oferece rotas seguras para mulheres. **Tecmundo**, 2017. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/software/123201-app-colaborativo-rotas-seguras-mulheres.htm>>. Acesso em: 2 jun. 2018.

COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS. **Convenção interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher, "Convenção de Belém do Pará"**. Disponível em: <<http://www.cidh.org/Basicos/Portugues/m.Belem.do.Para.htm>>. Acesso em: 3 maio 2018.

CONSUMER BAROMETER. Trended Data. **Google**. Disponível em: <<https://www.consumerbarometer.com/en/trending/?countryCode=BR&category=TRN-NOFILTER-ALL>>. Acesso em: 1 maio 2018.

DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS. **Sol**, [entre 2008 e 2018]. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/sol/>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

FERNANDES, A. L. 6 aplicativos que ajudam mulheres a se proteger contra violência. **Super Interessante**, 2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/tecnologia/6-aplicativos-que-ajudam-mulheres-a-se-proteger-contra-violencia/>>. Acesso em: 1 jun. 2018.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil**, 2016. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/03/visivel_invisivel_infografico.pdf>. Acesso em: 4 maio 2018.

GANDRA, A. Smartphone se consolida como meio preferido de acesso à internet, diz pesquisa. **Agência Brasil EBC**, 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-02/sete-em-cada-dez-brasileiros-acessam-internet-e-elevam-uso-de-smartphone>>. Acesso em: 1 maio 2018.

GELEDÉS. **PLP 2.0 – Aplicativo para coibir a violência contra a mulher**, 2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/plp-2-0-aplicativo-para-coibir-violencia-contra-mulher/>>. Acesso em: 1 jun. 2018.

GNIPPER, P. Quais são os apps de transporte que permitem escolher uma motorista mulher? **Canaltech**, 2017. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/apps/quais-sao-os-apps-de-transporte-que-permitem-escolher-uma-motorista-mulher/>>. Acesso em: 1 jun. 2018.

GODOI, S. D. 4 aplicativos para ajudar na segurança das mulheres. **Mobizoo**, 2018. Disponível em: <<https://mobizoo.com.br/aplicativos/4-aplicativos-para-ajudar-na-seguranca-das-mulheres/>>. Acesso em: 1 jun. 2018.

GOVERNO DO BRASIL. **Ligue 180 realizou mais de um milhão de atendimentos a mulheres em 2016**, 2017. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2017/03/ligue-180-realizou-mais-de-um-milhao-de-atendimentos-a-mulheres-em-2016>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

GOVERNO DO BRASIL. **Ligue 180 dá salto no apoio às mulheres e bate recorde de atendimentos**, 2017. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/03/ligue-180-da-salto-no-atendimento-a-mulheres-em-situacao-de-violencia>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

GROSSI, M. P. Vítimas ou cúmplices? Dos diferentes caminhos da produção acadêmica sobre violência contra a mulher no Brasil. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 15., 1991, Caxambu. **Artigo eletrônico...** Caxambu: UFSC, 1991. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/15-encontro-anual-da-anpocs/gt-15/gt37-3/7127-miriamgrossi-vitimas/file>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

INSTITUTO DATAFOLHA. **Assédio sexual entre as mulheres**, 2017. Disponível em:

<<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2018/01/11/bfed1c72cc0eff5f76027203648546c5bbe9923c.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2018.

KRUG, S. **Não me faça pensar — atualizado**: uma abordagem de bom senso à usabilidade na web e mobile. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Alta Books, 2014.

MENDONÇA, R. Violência doméstica: 5 obstáculos que mulheres enfrentam para denunciar. **BBC Brasil**, 2015. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/12/151209_obstaculos_violencia_mulher_rm>. Acesso em: 26 mar. 2018.

OLHAR DIGITAL. **Por que o brasileiro não quer pagar por aplicativos?**, 2015.

Disponível em: <<https://olhardigital.com.br/pro/noticia/por-que-o-brasileiro-nao-quer-pagar-por-aplicativos/50935>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

OLHAR DIGITAL. **5 aplicativos de segurança para mulheres**, 2018. Disponível em: <<https://olhardigital.com.br/lu-explica/noticia/5-aplicativos-de-seguranca-para-mulheres/74455>>. Acesso em: 1 jun. 2018.

OPAS/OMS. **Violência contra as mulheres**: áreas chave para a ação da OPAS/OMS, 2015. Disponível em:

<<http://www.paho.org/bra/images/stories/GCC/areas%20chaves%20final.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

PORTAL DO MARKETING NET. **O Significado das Formas – O Círculo em Publicidade e Propaganda**, 2014. Disponível em:

<<http://www.portaldomarketing.net.br/o-significado-das-formas-em-publicidade-e-propaganda-o-circulo/>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

RELÓGIOS DA VIOLÊNCIA. **Relógios da violência**. Disponível em:

<<https://www.relogiosdaviolencia.com.br>>. Acesso em: 4 abr. 2018.

RIOS, M. DF tem apenas uma delegacia especializada para atender as mulheres.

Metrópoles, 2017. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/distrito-federal/df-tem-apenas-uma-delegacia-especializada-para-atender-as-mulheres>>. Acesso em: 4 abr. 2018.

RODRIGUES, L. 5 aplicativos que ajudam mulheres a se proteger contra violência.

Superela, 2017. Disponível em: <<https://superela.com/aplicativos-para-nossa-protecao>>. Acesso em: 1 jun. 2018.

RODRIGUES, L. Aplicativo ajuda mulheres a escolher rotas seguras e pedir socorro a amigos. **Agência Brasil EBC**, 2017. Disponível em:

<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-09/aplicativo-ajuda-mulheres-escolher-rotas-seguras-e-pedir-socorro-amigos>>. Acesso em: 1 jun. 2018.

SCHRAIBER, L. B.; D'OLIVEIRA, A. F. L. P. Violência contra mulheres: interfaces com a Saúde. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 3, n. 5, p. 13-26, Aug. 1999. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-

32831999000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 maio 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32831999000200003>. SIGNIFICADOS. **Significado das cores**, [entre 2011 e 2018]. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/cores-2/>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

SOUZA, B. APP Vamos juntas? **Catarse**, 2016. Disponível em: <<https://www.catarse.me/vamosjuntas>>. Acesso em: 7 jun. 2018.

SUPERINTERESSANTE, **2 minutos para entender - Violência Doméstica**. 8 mar. 2017. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=jv7FWOmMU70> >

THINK OLGA. **Uma primavera sem fim**, 2015. Disponível em: <<https://thinkolga.com/2015/12/18/uma-primavera-sem-fim/>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

THINK OLGA. **Olga Explica: 8 direitos das mulheres em vídeos de 60 segundos**, 2018. Disponível em: <<https://thinkolga.com/2018/03/06/olga-explica-8-direitos-das-mulheres-em-videos-de-60-segundos/>>. Acesso em: 3 maio 2018.

TIBURI, M. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

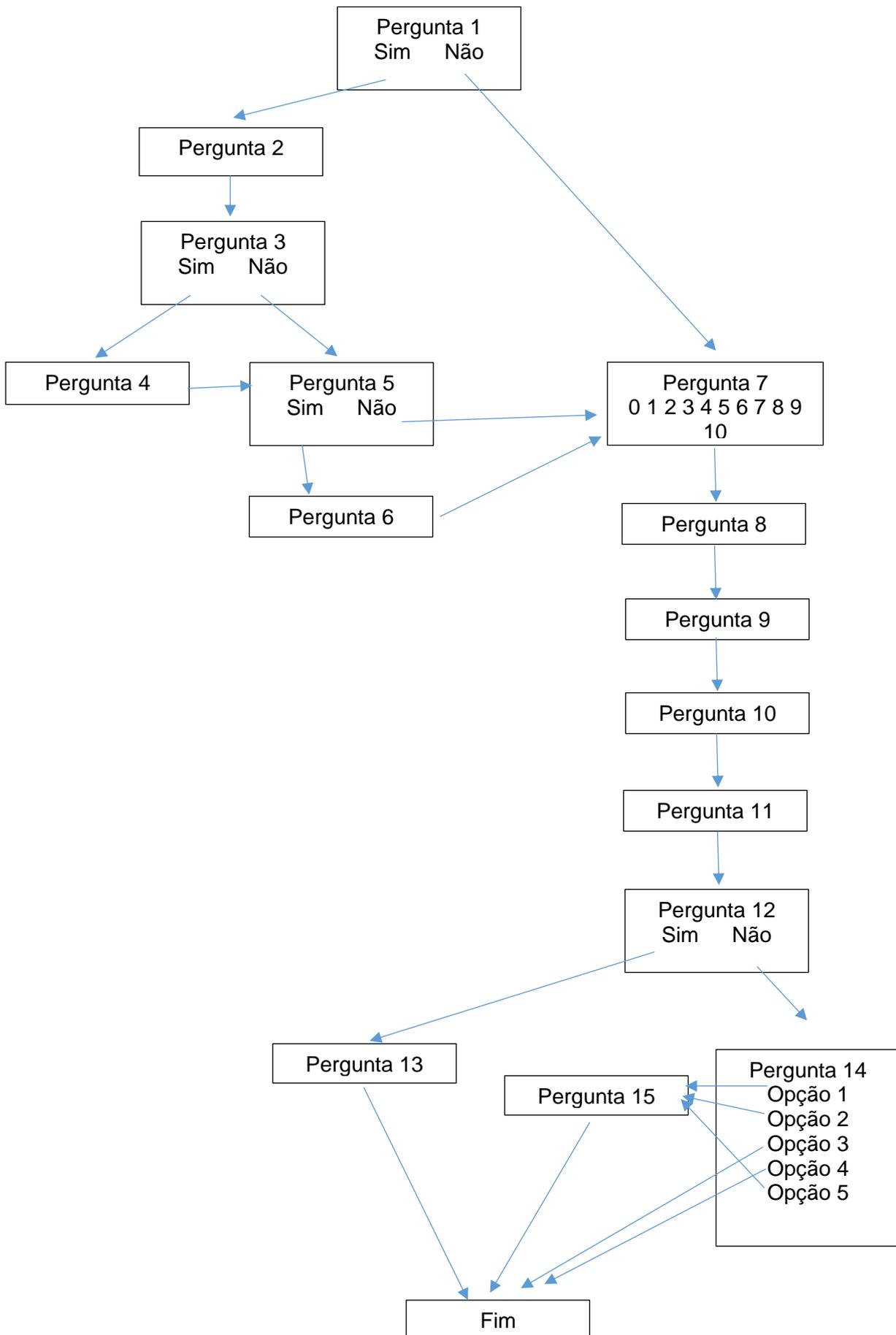
TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE SERGIPE. **Definição de violência contra a mulher**. Disponível em: <<http://www.tjse.jus.br/portaldamulher/definicao-de-violencia-contra-a-mulher>>. Acesso em: 2 maio 2018.

USP TALKS, **USPTalks #4: Violência contra a mulher / Silvia Chakian**. 2016. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=N4IYFc0h36w> >

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil**. 1ª. ed. Brasília: Flacso, 2015. Cap. 6. Disponível em: <https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2018.

WOMANSTATS. **Physical security of women**, 2014. Disponível em: <http://www.womanstats.org/vlbMAPS/images1/physical_security_of_women_2014.jpg>. Acesso em: 3 abr. 2018.

YAMASHIRO, A. Tendências no Design em 2017. **Des1gnOn**, 2017. Disponível em: <<http://www.des1gnon.com/2017/02/tendencias-no-design-em-2017/>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

APÊNDICE 1 – Caminho de resposta percorrido no questionário

APÊNDICE 2 – Modelo do questionário disponibilizado na internet

Idade

- Abaixo de 18
- De 18 a 29 anos
- De 30 a 39 anos
- De 40 a 49 anos
- De 50 a 59 anos
- Acima de 60 anos

Nível de escolaridade

- Nenhuma
- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental completo
- Ensino Médio incompleto
- Ensino Médio completo
- Ensino Superior incompleto
- Ensino Superior completo
- Pós-graduação incompleta
- Pós-graduação completa

Cidade e Bairro

- 1) Entendendo violência como: estupro, assédio sexual, ameaça, atentado ao pudor, assalto e agressão física, você já sofreu algum tipo de violência?

- Sim
- Não

2) Onde a violência aconteceu? (Pode marcar mais de uma opção)

- Rua
- Hospital/clínica
- Casa
- Trabalho
- Transporte público
- Festa/show
- Bar
- Outro: _____

3) Você já foi vítima de violência por parte de outra(s) mulher(es)?

- Sim
- Não

4) Marque qual tipo de violência lhe foi causada por mulher(es) (pode marcar mais de uma opção)

- Estupro
- Assédio sexual
- Ameaça
- Atentado ao pudor
- Assalto
- Agressão física

5) Você já foi vítima de violência por parte de homem(ns)?

- Sim
- Não

6) Marque qual tipo de violência lhe foi causada por homem(ns) (pode marcar mais de uma opção)

- Estupro
- Assédio sexual
- Ameaça
- Atentado ao pudor
- Assalto
- Agressão física

7) Em uma escala de 0 a 10, como você classificaria a região em que você mora em questão de segurança sendo 0 nada segura e 10 totalmente segura?

- 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

8) Marque os hábitos que são compatíveis com você

- Moro sozinha
- Divido moradia
- Uso regularmente transporte público
- Tenho carro próprio
- Não trabalho
- Trabalho em horário noturno
- Trabalho em horário comercial (entre 8h e 18h)
- Não ando sozinha de noite na rua
- Ando sozinha de noite na rua
- Já fui sozinha para eventos como festas e shows
- Nunca fui sozinha para evento como festas e shows

9) Algum dos hábitos que marcou na pergunta anterior te faz sentir exposta à violência?

- Sim
- Não

10) Você já mudou algum hábito ou costume por medo de sofrer violência?

- Sim

- Não

11) Você faz uso de algum meio para se proteger da violência? (Pode marcar mais de uma opção)

- Nenhum
- Aulas de defesa pessoal
- Contatos de emergência
- Aplicativos exclusivos para mulheres
- Grupos de notícias e informações sobre violência contra a mulher
- Outros: _____

12) Você usa aplicativos de segurança pessoal ou de serviços exclusivos para mulheres?

- Sim
- Não

13) Qual/Quais aplicativos você usa?

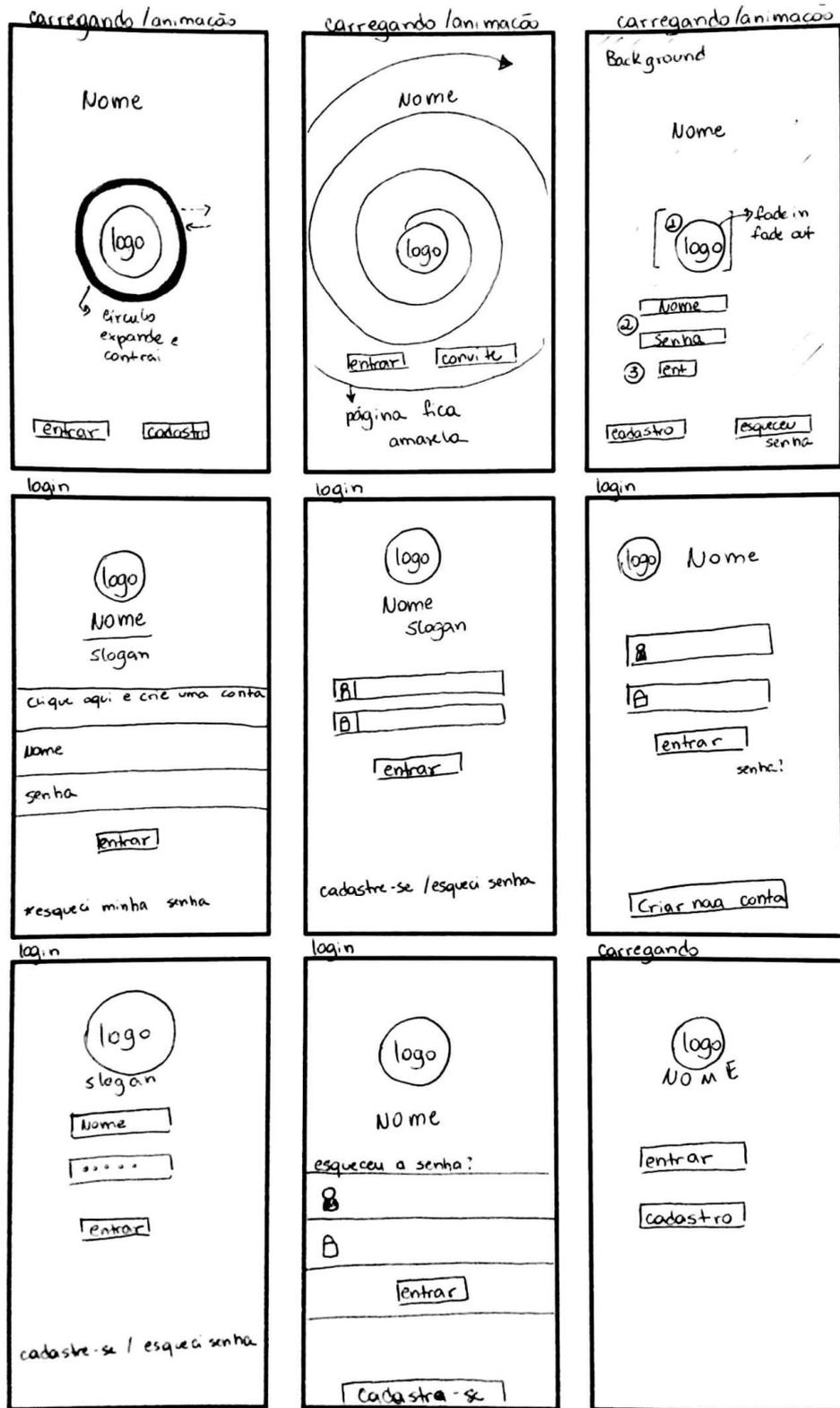
14) Por que você não usa aplicativos desse tipo?

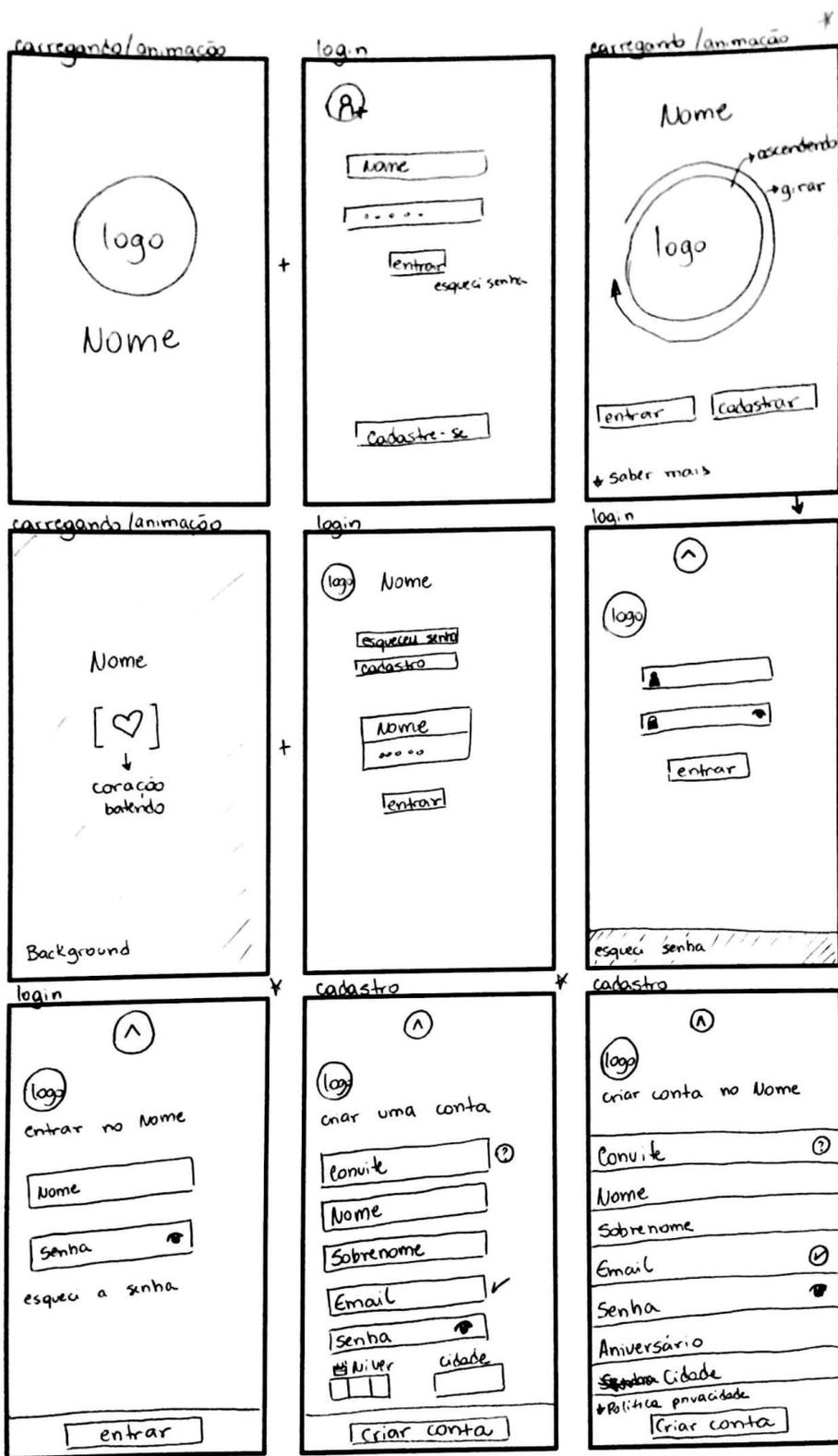
- Nunca tinha ouvido falar
- Não funcionaram para mim
- Não vejo utilidade
- Não preciso
- Outro: _____

15) Você estaria disposta a usar aplicativos desse tipo?

- Sim
- Não

APÊNDICE 3 – Rascunhos da tela do aplicativo versões 1 e 2

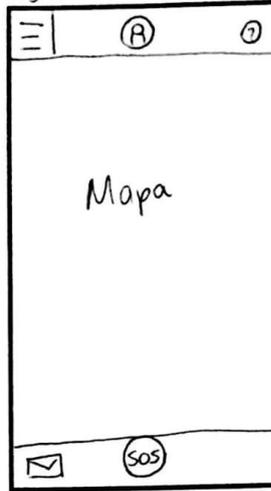




Página inicial



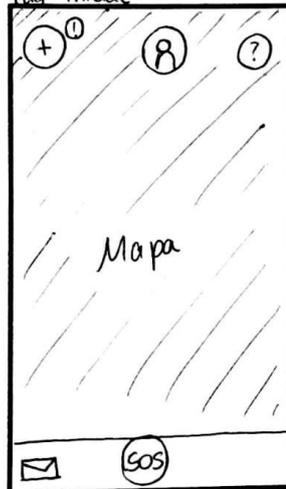
Página inicial



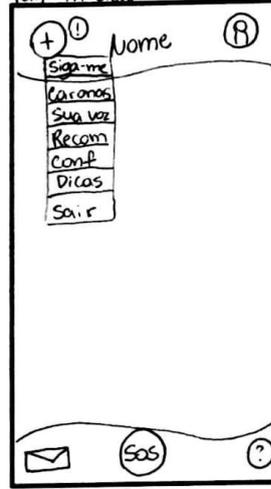
Página inicial



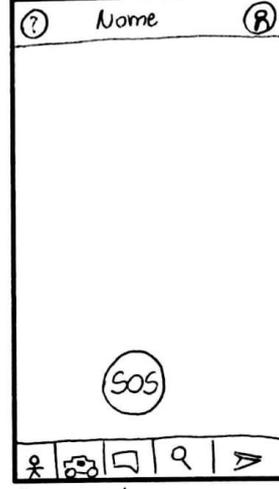
Página inicial



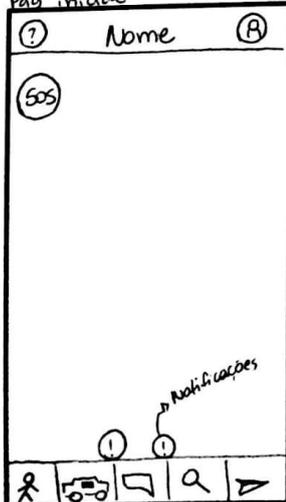
Página inicial



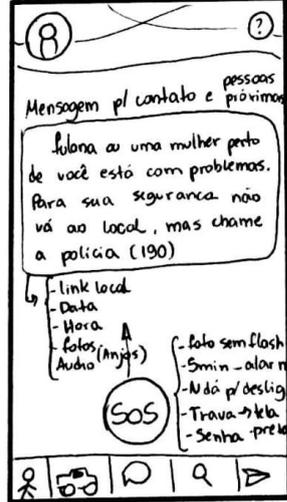
Página inicial



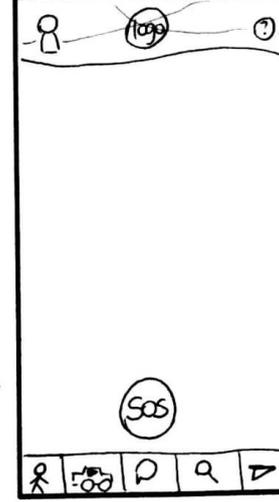
Página inicial

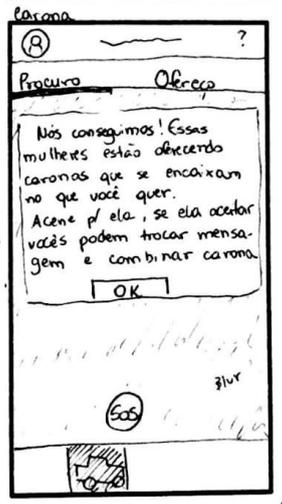
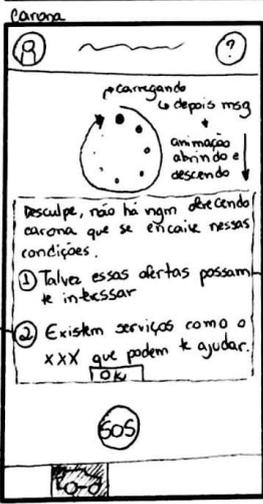
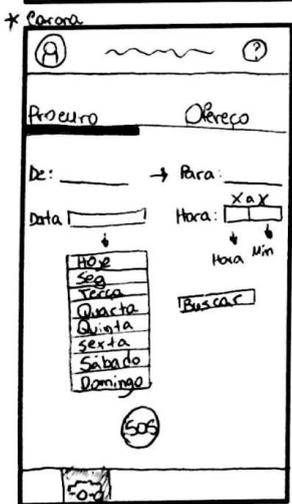
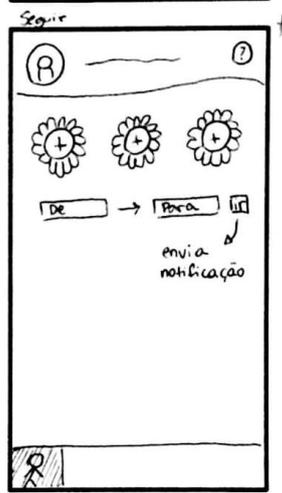
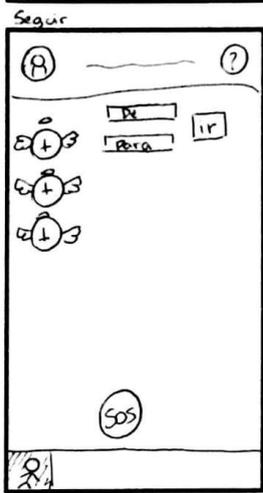
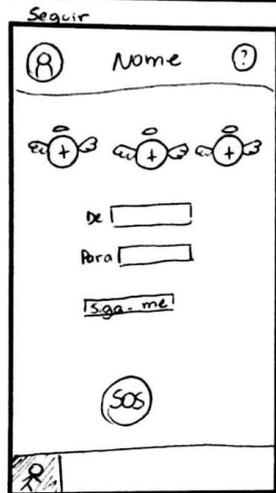
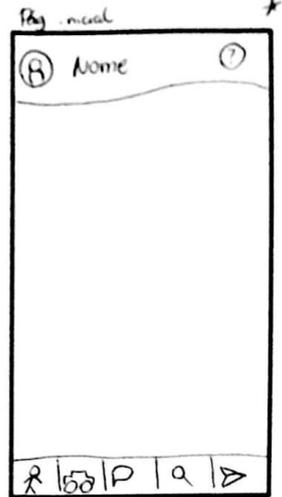
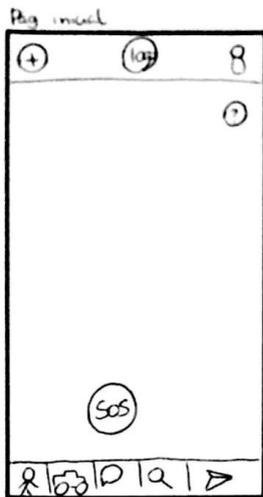
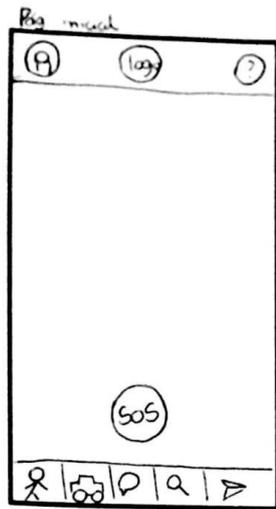


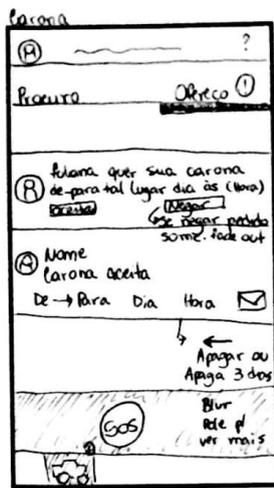
Página inicial



Página inicial







use o seu pedido de carona for aceitar ves a página com versar

